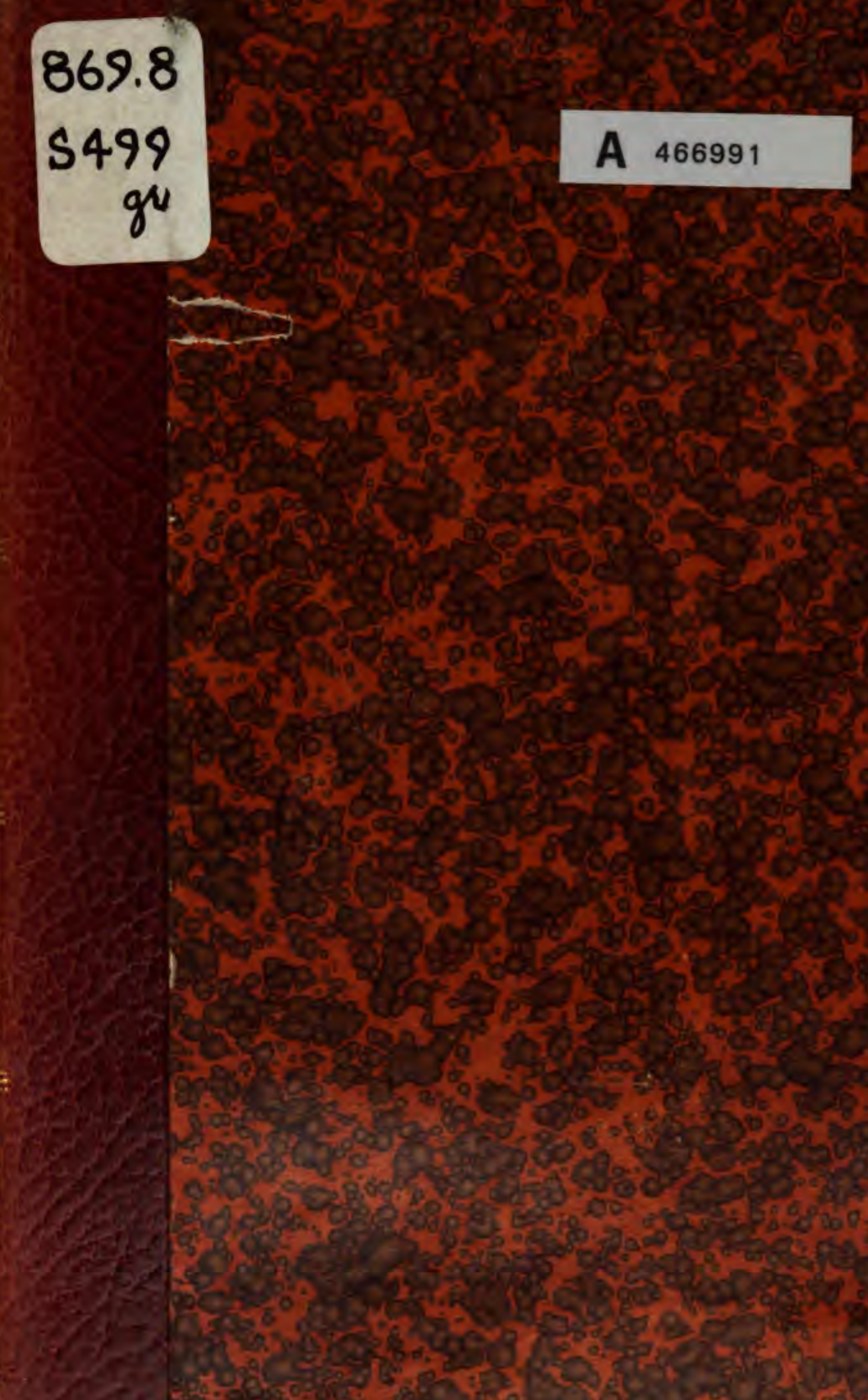

869.8
S499
gu
A 466991

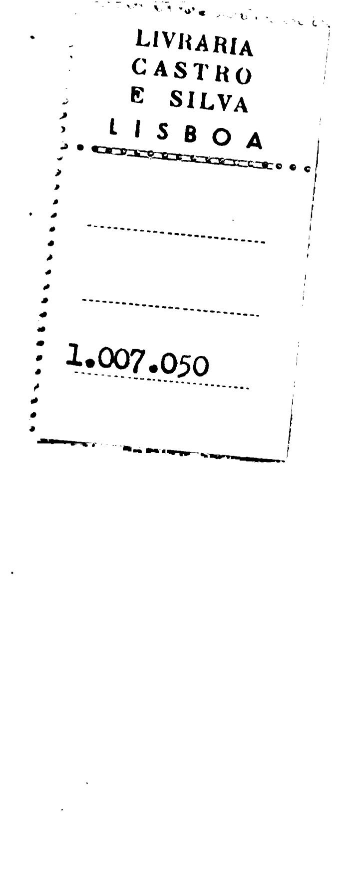
PAULO SEVERO

GRITOS DE PROMETHEU

A Familia é a base fundamental de toda a discordia humana.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1900


LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA
1.007.050

PAULO SEVERO

GRITOS DE PROMETHEU

A Familia é a base fundamental de toda a discordia humana.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1900

ANTES

—

Conscio de que Tu, palerma! te vaes querer rir publicamente do tablado e do auditorio que escolhi para preleccionar o meu thema; que sonharás uma *phrase de espirito* com que tentes *achatar-me* na bodéga da tua inepcia; que imaginarás *inutilisar-me* com o pregão de que as minhas theorias e deducções não podiam ter sido expostas senão no alcoice em que as exponho; a Ti, sandeu! declaro desassombradamente, intemeratamente, que a protagonista do meu conto é TUA MULHER.

Mas a Ti, homem leal, amigo ou inimigo, que vires no meu trabalho, bom ou mau que elle seja, um brado de honestidade, um grito de misericordia, um tentamen de liberdade, a Ti, declaro que a protagonista do meu conto é NOSSA IRMÃ.

GRITOS DE PROMETHEU

Ha annos encontrei em Lisboa um homem novo e fórte que se me dirigiu pedindo esmola.

—Conheci-o em Africa, affirmou-me.

—De onde? perguntei-lhe.

—Eu era grumete na «Duque da Terceira»... respondeu-me.

Neguei-lhe a esmola estygmatisando-lhe cruamente a baixeza de pedir tendo braços e saude.

—E que quer o senhor que eu faça? Tenho procurado por toda a parte, tenho lançado mão de todos os recursos!.... Ultimamente até alcaiote me fiz...

Encarei-o.

—Então póde arranjar-me uma mulher?...

—As que v. ex.ª quizer...

—Não regateio o preço, mas sou exigente na escolha...

— O que ha de melhor. Da R... para baixo (sic).

— Arranje lá então a R...

Elle sorriu-se:

— V. ex.ª bem sabe que isto é um modo de dizer. Mas póde acreditar que lhe arranjo o que ha de *mais fino*. A coisa está no preço...

— Já lhe disse que não regateio. Não vá porém julgar-me tão parvo que lhe seja facil *impingir-me gato por lebre*.

— V. ex.ª não paga senão *depois*.

— Está bem. Quando me dá a resposta?

— Amanhã. Ás 11 da manhã andarei por aqui.

— E porque ás 11 da manhã? Não era melhor á noite?

— Para ter depois tempo de prevenir a mulher escolhida. Successivamente virei avisar v. ex.ª das horas e da casa em que se deverão encontrar.

— Comprehendido. Até amanhã.

No dia seguinte, á hora ajustada, encontramo-nos de novo.

— Então?

— Tenho trez á escolha, todas ellas da melhor sociedade: uma viuva ainda nova, e duas senhoras casadas.

Requintei na luxuria.

— Prefiro as casadas — disse. Que taes são?

— O que ha de mais escolhido, acredite v. ex.ª. Uma estará hoje mesmo disponivel, a outra só depois de amanhã, por causa do marido.

— Escôlho a que posso encontrar hoje mesmo.

—E não escolhe mal, porque é talvez a melhor. N'esse caso, em sendo 9 horas da noite, tenha v. ex.ª a bondade de estar aqui para me acompanhar ou seguir.

—E aonde me léva?

—A uma casa decentissima por conta de quem trato estes negocios.

E citou-me a rua e o n.º da casa, minudencias de que já me não recordo.

—E o preço? perguntei.

—A' dona da casa, tem v. ex.ª de pagar 2$000 réis. A' senhora de que se trata dará o que lhe parecer de justiça. Ella não estabelece limite...

—Temos armadilha?... disse eu desconfiado.

—V. ex.ª verá que não. E' uma senhora que se dá por necessidade, mas que será incapaz de lhe fallar em dinheiro.

—Veremos isso. Até á noite.

E ás 9 horas da noite fui guiado por elle a uma casa onde iria ainda hoje com os olhos vendados, apezar dos annos decorridos.

Entrei n'uma sala luxuosamente mobilada e illuminada.

Podia descrevel-a, mas pouco importa para o caso a descripção d'esses nadas.

Propositadamente, penso, deixaram-me só durante algum tempo, ou para que eu me podésse á vontade certificar de que não estava n'uma *casa réles*, ou para terem tempo de me examinar de entre cortinas.

Minutos passados entrou uma mulher alta, encor-

pada, loira, de meia idade, desenxovalhada e bem vestida, que me disse:

—V. ex.ª tem de ter paciencia e de esperar um pouco mais que essa senhora venha...

—Pois ainda não veio?...

—Quero crêr que não seja por culpa d'ella semelhante demora, mas é uma senhora collocada n'uma posição melindrosa, e a quem facilmente póde surgir um estorvo...

—Bem te comprehendo!...—disse eu comigo mesmo.

E a dona da casa—*a patrôa*—assentando-se e mudando de tom, continuou:

—V. ex.ª não é de Lisboa?

—Não; sou do Porto.

—Veio a Lisboa talvez tratar de negocios?...

—Tambem não; estou em Lisboa de passagem: cheguei antes d'hontem d'Africa, e sigo em caminho de casa.

—Ah!... Esteve n'Africa!... E esteve lá muito tempo? Volta de vez? É militar?

Percebi claramente que todas aquellas interrogações obedeciam, não a uma simples curiosidade feminina, mas a um fim qualquer ignorado por emquanto.

Respondi:

—Vejo que se interessa por saber quem sou e vou dizer-lh'o sem restricções, mesmo porque não alcanço o compromettimento que isso me póde trazer.

—Oh! senhor!... Por quem é!...

—Chamo-me Paulo Severo e estive 3 annos em

Africa empregado nos estudos d'um caminho de ferro. Venho agora no goso de 3 mezes de licença que me foram concedidos, e volto para lá terminado esse praso. Deseja saber mais alguma coisa?

Ella, sentindo-se comprehendida, desconcertára-se.

—Acredite v. ex.ª que... tartamudeou como iniciando uma desculpa que *providencialmente* foi interrompida pelo toque de uma campainha electrica.

Levantou-se immediatamente:

—É talvez a senhora que esperamos. Dá-me licença?...

—Ora essa!...

Ella sahiu e eu tornei a ficar só, ancioso por acabar com toda aquella scena, arrependido talvez de me ter mettido em semelhante embrulhada.

Decorridos 5 minutos, se tanto, entraram na sala duas mulheres: uma, a dona da casa, outra, uma mulher esbelta, de 25 annos quando muito, trigueira, distincta, bem vestida, uns olhos pretos vivos e insinuantes, andar leve e desenvolto, a bocca pequena, os labios um pouco grossos e sanguineos, os seios altos, os hombros largos, o busto bem talhado.

Formosa? Não. Bastava-lhe o nariz, um nariz grosso e proeminente—para lhe recusar endeixas de formosura. Era no emtanto uma d'essas mulheres de quem se gosta logo á primeira vista. Typo de femea intelligente e altiva, heroina facil de qualquer romance.

O que reconheci n'um simples olhar, foi que não estava de facto em face de uma prostituta ordinaria nem vulgar. Havia n'ella o desenvolvimento natural

de uma mulher superiormente educada, e faltava-lhe por completo aquelle tic *canaille, sui generis*, que distingue a mulher dos nossos alcoices a toda a distancia da nossa vista.

A dona da casa apresentou-me:

— O snr. Paulo Severo...

A outra veiu para mim despreoccupadamente como o teria feito n'uma sala de familia, e estendeu-me francamente a mão enluvada e fina.

— Fil-o esperar, bem sei. Desculpe...

— Tive felizmente quem me attenuasse a impaciencia...— respondi eu olhando intencionalmente para a dona da casa.

— A impaciencia é quasi sempre uma artista que nós tratamos muito mal...

— Conhece-a de perto, pelo que vejo?...

— Muito... porque tenho esperado sempre...

— Se me dão licença, deixo-os — disse a *patrôa* com um sorriso discreto, convencional e amavel.— Se carecerem de alguma coisa tenham a bondade de me chamar.

E atravessando a sala foi abrir uma porta lateral até alli fechada, que dava para um quarto de cama tapetado e rico.

Successivamente voltou á sala e tornou a sahir pela porta do fundo cerrando-a sobre si.

Eu e a *outra* ficamos sós: ella descalçando as luvas, um pouco debruçada sobre uns livros de capas luxuosas que estavam em cima de uma meza redonda, eu indo-me assentar n'um *fauteille* sufficientemente

enleado com a perspectiva do que se ia passar, tanto mais quanto é certo não ser eu um homem uzeiro em entrevistas de semelhante jaez.

— «A mocidade de um rapaz pobre...» — leu ella alto. E voltando-se para mim: Já leu isto?

— Tantas vezes, que lhe decorei capitulos inteiros!

— Tambem eu. É um livro são que faz bem a quem o lê.

— Estava capaz de contraditar a sua opinião... — disse eu para encetar conversa.

— O quê?! Não acha este livro bem escripto?

— *Bem* escripto é uma coisa muito differente de *verdadeiramente* escripto, e só o que é *verdadeiro* póde ser *são* e *fazer bem.*

— Oh! não diga isso! O que seriamos nós sem o pão da alma?

— Os mesmos famintos que somos hoje e que seremos sempre, creia-o. Póde-me dizer qual o beneficio que tem colhido nas suas illusões?

Ella tirára rapidamente o chapéo e viera assentar-se em frente de mim.

— Qual o beneficio, meu Deus! Pois acha pouco o do esquecimento, embora momentaneo?

— Acho, porque esse esquecimento me custa muito caro em decepções consequentes e irremediaveis. De resto, não ha Ahi, na Verdade, vastissimo campo para todas as aspirações?

— Pois sim; mas quaes aspirações realisaveis serão essas que nos enthusiasmem sem um poucochinho de ideal?

—Nenhuma, decerto, pois que a mesma verdade perfeita é já ideal.—Mas isso não importa a sem-razão da minha theoria sobre a inutilidade e até prejuizo das obras de ficção, onde a vida humana e a natureza inteira se não encontrem taes quaes são na pratica da nossa existencia. A Phantasia é uma doida a que é preciso impôr restricções.

—Diz-me que idade tem?

—Perto de 29 annos, porque m'o pergunta?

—Desejal-o-ia menos cru, menos positivo, em semelhante idade...

Julguei que ella me censurava espiritnosamente a seriedade de que me revestira n'esse começo de uma tal entrevista.

—Tem razão. Perdoe-me. Esqueci-me rudemente das amabilidades que lhe devo...

—Oh! não! Não era isso!—atalhou com vivacidade. Ou é injusto ou me comprehendeu mal, acredite. Continue; sinto-me perfeitamente a ouvil-o.

—Então, *se não era isso*—retorqui-lhe sorrindo com certa ironia—queria talvez repetir-me os dizeres do protagonista do nosso romance em questão: «nada merece no mundo mais compaixão que um coração mirrado pela desconfiança antes de ter vivido».

—Talvez, sim.

—E como quer que lhe responda: com a seriedade que me deveu o inesperado rumo que deu á nossa conversa, ou com a volubilidade propria da situação que voluntaria e conscientemente nos creamos?

Tornou-se séria.

— Não seria melhor que nos separassemos sem nos termos confundido com os outros? Imagina que lh'o não agradeceria immenso?

Encarei-a como quem queria lêr-lhe no rôsto a impressão que lhe causára a grosseria.

— Vou, pois, responder-lhe com toda a sinceridade expansiva que me caracterisa — sinceridade de que muitas vezes me abstenho com receio de a expôr aos risos dos idiotas —: Não ha prematuro scepticismo nas minhas opiniões sobre o devaneio, ha, sim, convicções adquiridas na pratica d'uma existencia apaixonada, violenta, e trabalhosa. A esses 29 annos de que lhe fallei ha pouco, não ha que descontar maior periodo de tranquilidade e descanço do que o periodo infantil e de natural inconsciencia. Assim, quando os outros — os da minha idade — principiaram, eu já ia a meio, já ia muito adiante, no caminho das decepções e das lagrimas. E porque partisse cêdo — muito cêdo — muito novo — maior porção de sonhos levei na minha bagagem de caminhante, e com maior somma de chimeras alastrei o caminho percorrido. Não me julgue, pois, pela idade, julgue-me pela experiencia.

Ora essa experiencia ensinou-me o seguinte:

Que a nossa aspiração maior, mais nobre, e mais legitima, deve ser a de não malbaratarmos as nossas forças e a nossa intelligencia em detrimento proprio e alheio; que perder a vida na escalada do Impossivel, o mesmo é que roubarmo-nos á missão de utilidade geral que Deus — a Natureza inteira — nos impõe. Caminhar para o *perfeito possivel*, é já campo mais do

que bastante para todos os maiores emprehendimentos do nosso espirito.

Querer ser mais do que o que *humanamente* se póde ser, é tentativa de fraco nas primeiras affirmações d'uma loucura fatal e ruinosa.

O livro, mal ou bem escripto, que nos divinisa os seus personagens, que os colloca fóra da esphéra natural, embora distincta, do meio em que vivemos, esse livro é um mau livro, porque nos faz odiar o mundo em que vivemos, e despresar profundamente o nosso semelhante.

Peço-lhe que siga bem o meu raciocinio... Isto se não abuzo da sua paciencia, desperdiçando de mais a mais um tempo precioso que...

— Posso demorar-me sem cuidado até á 1 hora da noite—atalhou ella. Já vê que temos muito tempo. Obsequeia-me continuando.

— Se nós, os que lêmos desde creanças, não tivessemos lido, ouvido lêr, e ouvido historiar creações romanticas d'uma perfectibilidade estonteadôra e impossivel, não nos teriamos deixado arrastar pela hypothese de realisar essas creaturas, o que nos teria poupado violentas e cruciantes decepções.

Assim no amôr como em tudo o mais — mas no amôr mais do que em tudo, porque o amôr é, infelizmente, (o amôr sexual, está claro) a actual e antiga vara magica de todo o nosso corrompido systema social. O homem vive e trabalha pela mulher, a mulher vive e trabalha pelo homem — esta a rotação continua — este o circulo vicioso em que todos nos debatemos e deba-

teremos incessantemente, até que uma transformação radical de tudo nos conduza emfim á *terra da promissão,* como dizem os poetas.

No amôr, pois, os prejuizos causados pelo mau livro de simples imaginação, são tamanhos, tão vastos, tão profundos, que nem mesmo lhes sei medir o alcance todo. De facto a que se deve a prostituição, com toda a sua enorme caterva de consequencias, senão á desillusão soffrida por todos aquelles que se juntam?

Ella fez com a cabeça um signal affirmativo de acquiescencia.

—E não só a prostituição —continuei— como ainda todo esse milhar de intimas discordias; de provações occultas; de odios ignorados, reprimidos, e mascarados; de infinitos tormentos moraes que só Deus sabe!...

Verdade é que outra causa primordial...

Mas se a illusão, ainda assim, não fosse alimentada por uma ruinosa propaganda de idealisações romanticas, ter-nos-ia sido, com certeza, menos penoso o negro dilaceramento das nossas almas retalhadas a golpes de realidade na pratica da Vida. Se a nós — homens — nos descrevessem sempre a mulher tal qual ella é e tal qual póde ser — mesmo santificando-a (que a santificação é terrena) mas divinisando-a nunca; e se a ellas — as mulheres — lhes descrevessem os homens — os mais virtuosos, os mais gloriosos, os mais excepcionaes — com todos os defeitos inherentes á sua organisação e á sua educação; se a nós todos, emfim, nos ensinassem sempre o que é a vida natural e pra-

tica em todas as suas manifestações simultaneas de bondade e de maldade; que immenso beneficio não teria sido feito á humanidade inteira?!...

E repare bem — se lhe apraz attender-me no proseguimento de tão despropositado sermão de moralidade — os meus arrazoados evidenciam-se tanto mais, quanto minudenciarmos o confronto entre as classes baixa, média, e alta.

N'estas, onde mais nos creamos uma atmosphera de aspirações romanticas, muitissimo maior é o tributo que pagamos á depravação de costumes, ás discordias intimas, a toda a série de soffrimentos de que lhe fallei ha pouco; n'aquella, a conformidade é muito maior, e a felicidade possivel em semelhante meio social muito mais vulgar. Porque? E' que elles realisaram, ou quasi, as suas simples e quasi naturaes aspirações, e nós não fizemos mais do que desilludirmo-nos.

Entre nós, o que procura a mulher no homem? Um accumulado de virtudes e de perfeições iguaes, ou semelhantes, ás d'este ou d'aquelle personagem de ficção romantica, que se lhe estereotypou na imaginação, ou seja definido ou mais ou menos vago. Encontra-o? realisa-o? Não; porque não é realisavel o que não existe. E o que procura o homem na mulher? Os mesmos impossiveis, as mesmas irrealisações chimericas. E como não ha, Ahi, quem francamente, lealmente, rudemente, nos diga e repita que semelhantes desillusões são «o pão nosso de cada dia» de todos os visionarios; que não ha casa nenhuma — nenhuma! —

em que se não curtam identicas amarguras, nós suppomo-nos unicos nos desenganos soffridos, e, amaldiçoando a vida que levamos, invejamos e odiamos todos aquelles que nos enganam com a sua apparente felicidade.

—Sim; é doloroso o que diz—fére muito, fére muitissimo até—mas tem um fundo de verdade indiscutivel. Noto, porém, que a sua theoria defende a ignorancia.

—Aonde?! Em quê?! Em lhe ter affirmado maior numero de resignados entre os que menos sabem—ou antes: entre os que menos lêem?...

N'esse caso não me comprehendeu claramente, ou foi minha a deficiencia de clareza.—Não; não advogo a ignorancia, porque não admiro a virtude inconsciente. A resignação do povo inculto, se a invejei quando com elle me comparei nos meus passados soffrimentos moraes, não a invejo agora que me resigno sciente, consciente, e presciente.

—Mas onde adquiriu essas sciencia, consciencia, e presciencia, senão á custa do confronto e das deducções que elle lhe suggeriu?...

—E quanto tempo perdido, quanto tempo malbaratado, n'essa dolorosa aprendisagem! O que teria eu feito, e o que teria eu sido, se em vez de me terem dado a Phantasia por companheira e o Coração por conselheiro, me tivessem dado a Verdade e o Cérebro! Se em vez de me dizerem: « Vai, caminha, procura; existe além a realidade de todos os teus sonhos», me tivessem dito: « Fica, resigna-te; a existencia é

igual em toda a parte; o Ideal é inaccessivel porque o Ideal é Deus», quantas amarguras, quantos desesperos, quantas escuridões moraes me teriam poupado!...

E como que fallando um pouco commigo mesmo:

—Mas o mal é outro e vem de longe... de muito mais longe! A orientação que me deram não era mais do que o effeito talvez irremediavel de uma causa muito mais transcendente...

—Qual causa, póde-m'a dizer?—perguntou-me ella com uma vivacidade intelligente.

—Para quê? Para nos não entendermos?...

E mudando de tom:

—Incommoda-a o fumo?...

—Até gôsto... Obrigada.

Houve entre nós alguns momentos de silencio. Ella recostára-se um pouco para traz, negligentemente, no *fauteille* em que se assentára, e ficára assim, a modos de abstracta, seguindo talvez o rumo e todo o alcance das minhas opiniões, se é que não pesava antes todo o sacrificio de me aturar na inesperada monotonia das minhas prelecções.

Eu, aproveitava o ensejo de fazer lentamente um cigarro, para estudar o meio de me esquivar a tão árida como impropria cavaqueira.

A não ser que quizesse proceder bestialmente, tratando essa mulher intelligente e fina como réles e material prostituta (o que a mim mesmo me repugnaria pelo nojo que me inspiram as relações brutaes) era-me preciso chegar á posse pela transição menos violenta que me fosse possivel. E o que eu tinha feito

até aquelle momento não tinha sido mais do que difficultar essa approximação.

De repente ella teve um movimento brusco, uma especie de estremecimento nervoso, e levantou-se.

Estudado? Expontaneo? — Difficil indagação.

Havia na sala um piano coberto e fechado.

— Gósta de musica? — perguntou-me ella dirigindo-se para elle e abrindo-o.

— Muito, mas... cegamente.

Assentou-se, percorreu o teclado com escalas rapidas e principiou a tocar.

Deliciei-me a ouvil-a. O que ella tocou, não sei nem isso me deu o menor cuidado. A musica julgo-a, como ignorante, pela impressão agradavel ou desagradavel que me causa. Essa, ou essas, que ella executou de cór, sem vacillações, com o desenvolvimento manual de uma verdadeira mestra, agradaram-me, suggestionaram-me, fizeram-me esquecer do sitio em que estava e do motivo que ali me tinha levado. Ouvindo-as, embalando-me n'ellas, esqueci-me completamente da minha *bêsta* e descancei tranquillo n'um bem estar incomparavel.

Ella mesmo parecia ter-me esquecido e esquecido o fim principal da nossa entrevista, quando no decorrer de uma ultima composição me perguntou de lá alteando a voz:

— Volta para a Africa?

Levantei-me e fui responder-lhe debruçado sobre o piano:

— E como sabe que eu já lá estive?

— Disseram-m'o — respondeu sorrindo e tocando sempre.

Occorreu-me então a utilidade das perguntas que me fizera a dona da casa, talvez, quem sabe? para serem ouvidas de entre bastidores.

— Volto — respondi.

— Deu-se lá bem?

— Admiravelmente. A Africa tem sido para mim tanto mãe, quanto isto aqui tem sido madrasta.

— Quando voltar quer levar-me comsigo? — perguntou-me sorrindo, e sem mesmo levantar os olhos do teclado.

— Brinca, bem sei; mas a sério que me fizesse essa pergunta...

— O que responderia?

— Responderia que não.

— Porquê?

— Para quê?...

Olhou-me.

— Para quê, sim? Para nos odiarmos dentro em pouco?

— Mas isso é o mesmo que dizer que não póde haver união sem odios!...

— E', pelo menos, affirmar que não póde haver prisão ou sujeição sem desesperos.

— Sujeição! E onde a vê na liberdade com que nos uniamos?

— Para que me perguntou então se eu *a queria levar commigo?* O que é que *levamos comnosco* senão aquillo sobre que temos auctoridade? E como

comprehende a auctoridade exercida sobre uma pessoa, que não importe a ideia immediata da sujeição d'essa pessoa?

—Mas, pensando assim, o senhor nunca terá mulher!...

— *Ter mulher?*... E como posso eu ter uma coisa que *naturalmente* me não póde pertencer, porque não póde deixar de ser independente de mim mesmo?...

—Quero dizer...—emendou ella deixando de tocar e titubiando na maneira de se explicar.—Queria eu dizer que d'essa fórma o senhor...

—Não poderia exercer as minhas funcções sexuaes?

—Isso.

—Bem vê que posso, visto que se permittiu vir aqui.

Abaixou a cabeça e o sangue affluiu-lhe ao rosto como se eu lhe tivesse dado uma bofetada.

Seguidamente ergueu-a:

—E satisfaz-se plenamente com isto?... Sem amôr?...

—Sem desinteresse, diria melhor.—Põe comtudo o dedo na ferida. Eis a unica coisa que nos falta para que tenhamos attingido a união sexual possivel. Tire á nossa entrevista a parte commercial que a macula, e essa união terá sido completa.

E mudando de tom:

—Mas lá vamos nós outra vez em caminho da prelecção fastidiosa...

—Não, não! Responda-me. Preciso de saber... E amanhã?

— E porque não *amanhã*, dados os mesmos elementos de approximação e de mutua comprehensão?

— E eu? a quem pertenceria n'esse caso?

— A si, como hoje, como hontem, como sempre.

— E os nossos filhos?

— Aos seus seios, *naturalmente*, emquanto d'elles carecessem.

— E depois?

— Depois á communidade social para que todos nós trabalhassemos.

— E então o amôr paterno, o amôr materno, o amôr filial?!...

— E para que é preciso tudo isso?

— Mas seria horrivel! — arrancou ella. — Engeital-os!... Separar-me d'elles!...

— *Engeitar* é o reverso de *perfilhar* — extermine a medalha e terá deixado de lhe vêr ambas as faces. Separarmo-nos d'elles!... E o que fazemos nós hoje, quando elles attingem a sua maior idade? Para onde vão? Para onde nol-os levam? Para a morte como para a vida, não é verdade? E porque os deixamos ir? Porque são d'elles, de si, dos outros, de todos menos de nós. — Ora pense bem; não seria melhor que os não tivessemos amado?

— Que aridez, meu Deus! em torno de tudo isso!... E o que havia eu então de amar? A quem votariamos nós todos esta nossa ancia de bem querer e de bem fazer?

— A todos.

Calou-se e começou a dedilhar o teclado com a mão direita.

— E' capaz — perguntei-lhe eu depois de alguns momentos de silencio — de me responder francamente, abertamente, a uma pergunta que lhe fizer?

— Sou.

— E far-me-ha a justiça de acreditar que essa pergunta não envolverá o menor, o mais insignificante proposito de me entremetter na sua vida particular e intima?

— Faço.

— Diga-me então: quaes os verdadeiros motivos que a trouxeram aqui?

E vendo que ella me não respondia immediatamente:

— Se lhe é penosa a resposta, perdoe-me a pergunta e não me responda. Torno a affirmar-lhe a intenção de a não melindrar em coisa nenhuma.

— Não é isso... — e sem levantar os olhos para mim, em voz rapida e nervosa. — Preciso de acompanhar meu marido na posição social que elle occupa, e da qual depende para ambos nós um futuro desafogado que não temos. Essa posição impõe-me sacrificios de *toilettes* despendiosas que não posso obter por meio de emprestimo ou de debitos aos fornecedores, porque isso seria o mesmo que propalar a nossa situação...

— E vilipendia-se por isso só?! Ora pense bem: não vê, não sente, para além d'esse pequeno e superficial interesse proprio, alguma coisa de maior, de mais forte, que a tenha trazido aqui arrastada pelos cabellos, violentamente, brutalmente, irresistivelmente?

— O Destino?...

— Não; isso é uma palavra banal que não justifica coisa nenhuma. — A FAMILIA.

— A Familia?!...

— Sim, sim! a Familia! baze fundamental de toda a discordia humana; mãe de todos os vicios e de todas as corrupções; geradôra de todos os odios, como de todas as vicissitudes; de todas as lagrimas como de todas as desventuras!

Fitou-me curiosamente, semi-assombrada, e eu prosegui:

— O motivo apparente que se dá aos seus expedientes, póde ser esse que a senhora mencionou, mas o motivo real é a familia que os dois constituiram; é o egoismo individual que essa familia lhes despertou, infiltrando-se-lhes nas veias como um veneno subtil e mortal; é o odio que sentem um pelo outro, transformado, disfarçado sob a mascara da *lucta pela vida* — lucta desesperada, lucta de féras encurraladas, a todo o transe, por cima de todos e de tudo! Odio de dois contra si mesmos, e contra a humanidade inteira! Odio até de pragas e de punhos fechados para Deus!

— Oh! não, não! Odio não! Pense o senhor como quizer d'isto que lhe digo: eu amo meu marido. Affirmo-lhe mais, muito embora lhe pareça extraordinario este meu sentimento: eu se faço o que faço — se prevarico — é por elle, é só por elle! O vicio não me attrahe; juro-lhe que tenho sempre de fazer um esforço supremo para vencer a repugnancia de me dar a alguem que não seja a elle. — Desculpe; abro-lhe o meu coração uma vez que o chamou a campo. — For-

neçam-me um outro meio de eu obter os recursos que preciso, que julgo indispensaveis para o ajudar a subir, para lhe não ser estorvo e antes beneficio, e verá com que immensa satisfação deixo de vir aqui, deixo de me dar, deixo de me vender. Surprehende-se de certo com esta minha fórma de pensar? Pois acredite que lhe estou abrindo a minha alma com uma sinceridade illimitada. Se o corpo se me enodôa e emporcalha n'estas entrevistas de que lanço mão quando a necessidade me obriga, a minha alma sae d'ellas tão branca e tão limpa como sae o sol da lama em que bateu. Se não fosse isso, eu ter-me-ia já matado ha muito...

— Mas, justamente, esse martyrio, essa dedicação, esses sacrificios todos, o que são senão o odio?

— Odio! a minha dedicação!... Não comprehendo.

— Pois que diligencia a senhora fazer com tudo isso senão ajudar seu marido a vingar-se dos outros, vingando-se a senhora d'elle ao mesmo tempo?

— !...

— Qual aspiração os move que não seja a de conseguirem impôr-se áquelles que se lhes impoem actualmente? E qual aspiração a move a si, que não seja a de sentir a satisfação, *embora intima*, de que seu marido *subiu* em grande parte, senão em toda, *á sua custa?* E que são no fundo estes dois sentimentos senão a vingança — o odio?

— Mas se eu lhe juro que o amo!...

— Não confunda: a senhora *estima*, o *homem* com quem vive e com quem permuta pensamentos e exta-

sis, mas *detesta* profundamente o *marido* a quem se sente *irremediavelmente* presa. A pensar no primeiro, a senhora justifica os expedientes de que lança mão para se vingar do segundo.

— Oh! sabe que é horrivel o que me diz?...— exclamou ella.

— Sei; porque soffri tanto como a senhora agora soffre quando mergulhei, de olhos abertos, n'este lodaçal repugnantissimo em que chafurdamos como porcos. Mas convença-se d'isto que lhe digo: o que a senhora faz, fal-o ahi todo o mundo — todo! — ou seja sob este aspecto ou sob outro qualquer.

Sabe o que me respondeu o intermediario d'esta nossa entrevista quando eu o encarreguei *de me arranjar uma mulher?* Respondeu-me o seguinte: «da R... para baixo, aquella que quizer!» É uma affirmativa gratuita, bem sei, porque nem todas seguem o mesmo processo de combate, mas é, em todo o caso, uma resposta profundamente caracteristica.

Disse-o e repito-o: a Familia é a base fundamental de toda a discordia humana pelas violentas paixões que a constituem, pelos interesses e obrigações exclusivas que determina.

Os amores de esposo, d'amante, de pae, de filho... toda essa série de affeições criadas em torno do Lar, são positivamente os principaes elementos de que se compoem a Inveja, o Ciume, o Egoismo, a Vaidade, o Orgulho, o Crime.

O chefe de familia passa por cima de todas as conveniencias estranhas para chegar *ao bem estar da sua*

familia. É indifferente ás amarguras e contrariedades alheias, quando d'essas amarguras e d'essas contrariedades póde auferir recursos para *o bem estar dos seus*.

A mulher e os filhos servem-lhe de desculpa para toda a casta de expedientes. O que elle quer é subir, enriquecer, dominar os outros, para que a *sua familia* — a sua mulher e os herdeiros do seu nome — subam, enriqueçam, dominem. Sobre que alicerces assenta a sua fortuna e a sua grandeza, pouco lhe importa. Não sabe nem quer saber. A Consciencia não chega mesmo a despertar-lhe um remorso, antes pelo contrario o applaude, porque emfim o que elle fez foi «cumprir a sua obrigação de pae, de marido, de filho,» foi «fazer o que todos os outros fazem.»

D'aqui a lucta aberta, continua, odiosa, desesperada de todos contra todos.

A existencia da Familia traz comsigo a *dignidade do Lar* e a *honra do nome*, e estas duas utopias convencionaes trazem comsigo o Ciume e a Prostituição.

O adulterio não existiria se não existisse o casamento, assim como a prostituição não existiria se não existisse a restricção.

O Ciume, essa monstruosidade, é filho d'essa outra monstruosidade, a Familia.

— E porque não é antes a consequencia natural do amôr? — perguntou-me ella.

— Porque não, como se prova — respondi-lhe. — No Zaire, ha poucos annos ainda, o hospede era recebido com todas as maiores considerações, fosse viandante conhecido, recommendado, ou ignorado. O dono

da casa collocava á sua disposição toda a sua auctoridade domestica, e assim como lhe dava o seu logar á sua meza, assim lhe dava a sua cama para dormir, e a *sua mulher mais estimada* para o servir, acompanhar e satisfazer. Com isto, cumpria uma praxe do meio social em que vivia, e sentia-se, cumprindo-a, satisfeito e tranquillo com a sua consciencia.

Já vê, pois, que o Ciume não é de fórma alguma um sentimento *natural* e primitivo, mas sim a consequencia d'um méro convencionalismo social e até restricto.

— E porque não hade o senhor vêr antes em tudo isso a depravação promovida pela falta de moralidade religiosa? — tornou-me ella.

— Para lhe responder preciso que me esclareça: a que especie de moral religiosa se refere? Á convencional ou á intuitiva? Áquella que nos apregôa os beneficios d'um culto exterior, ou áquella que dimana de nós mesmos, sem exterioridades nem clamôr?

— Refiro-me á moralidade do culto — á religião de nossos paes.

— E o que fez ella, essa religião a que se refere, que não conseguiu moralisar-nos atravez de tão longo periodo de dominio absoluto? Que mais ampla liberdade de acção quer a senhora que lhe dêmos hoje do que aquella que já lhe demos hontem? Pois não vê que vimos d'ella?...

— E que grandiosos emprehendimentos se lhe devem! — exclamou.

— Maiores porventura do que se devem hoje á intellectualidade humana? — contestei.

Calou-se e eu prosegui:

— Mas nós falavamos dos beneficios moraes do culto, e é n'elles que temos de insistir se nos não quizermos desviar muito do nosso ponto de partida.

— A depravação de costumes é hoje maior do que era d'antes...

— Maior, não; mais ruidosa, concedo; mais livre, póde ser. Fecharam-se as portas dos serralhos de D. João v e tudo aquillo veio para a rua tomar ar e pavonear-se. Esta a differença unica, que tem pelo menos a virtude da maior franqueza. De resto, no fundo, a mesma revoltante mentira, a mesma hypocrisia, a mesma depravação, a mesma lucta, a mesma infernalissima guerra.

O culto! Pois se o culto é uma immoralidade, como póde pensar que d'elle dimane um qualquer principio virtuoso ou regenerador?

— Immoral!... O nosso culto?!...

— O nosso, como o d'elles, como os de todo o mundo, sim! Todos os cultos de manifestação exterior que se fundam no rógo e no agradecimento, pois então?

— Rogar a Deus, agradecer a Deus!... Crê isso uma immoralidade?

— Fundamental, rigorosa, manifesta, incontestavel. O que é que podêmos rogar a Deus que não seja a revogação da sua perfectibilidade?

— Custa-me comprehendel-o.

— Crê ou não em Deus absolutamente perfeito? Note que digo *absolutamente perfeito* porque entendo que só assim se póde crêr em Deus.

— Sim; *absolutamente perfeito* — creio.

— Como classifica, pois, o rôgo, a prece, o pedido, que se dirige a esse Perfeito Absoluto? O que é que nós pedimos? O que desejamos, não é verdade? Isto é: o que não têmos ou julgamos não ter... Por outras palavras ainda: pedimos a Deus que nos dê o que nos não deu ou o que já nos não dá, não é assim? E isto que importa senão a ideia immediata de lhe pedirmos uma revogação de ordens ou de principios determinados? E como comprehende um Perfeito Absoluto que se revoga?

Bem vê que não póde ser. Se Deus é o Ideal da Absoluta Perfeição, o culto a esse Deus que se fundar na prece, terá fatalmente de ser uma immoralidade.

— Que extraordinario modo de vêr o seu! Que extraordinarias deducções as suas!... Mas então o que havemos nós de fazer perante Deus?

— Adoral-o — isto é: erguer para Elle o nosso espirito tanto quanto nos seja possivel — mas como este *Elle* que eu acabei de pronunciar, importa a immediata ideia de uma determinada configuração, e como essa configuração, qualquer que ella fosse, *que nós dessemos a Deus,* seria ainda uma immoralidade igual á outra que lhe referi, o que nos cumpre fazer é adorar Deus na sua obra, admirando-a inalteravelmente, estudando-a e acceitando-a em todas as suas manifestações, diligenciando comprehendel-a para nos harmonisarmos com ella, sem odios, sem desesperos, resignados com a nossa sorte quando as desventuras materiaes se nos imponham como irremediaveis.

— Mas o que deseja, sendo assim, é nada menos do que a destruição de tudo quanto temos feito até hoje! É a completa remodelação do systema social porque nos temos regido!

— E'. E amedronta-a por ventura essa remodelação? Fica-lhe alguma saudade na vida consciente que tem arrastado — a senhora como todos aquelles que Ahi vivem?

— Isso é um sonho! é uma utopia! é um paradoxo! Nunca tal se realisará!

— Quem o affirma?... Vamos! seja sincera! Escute bem o que lhe diz a sua propria razão, e não deixe que os seus labios pronunciem palavras que ella lhe não dite. A maior difficuldade consiste n'isso, creia. Levamos a vida a dizer o que não sentimos.— Quer saber se essa remodelação social será ou não uma realidade? Encoste ahi o ouvido attentamente ao vozear do mundo—o que é que ouve? Um gemido immenso—pavoroso—uma praga enorme—um stertor continuo. Attente bem, e ouvirá que a sua propria voz entra n'esse côro de queixas e de desesperos que sôlta a humanidade inteira. E crê, e póde crêr possivel que todo esse monumental soffrimento não extravase um dia? Oh! sim! a Humanidade redimir-se-ha!...

Calamo-nos ambos — ou antes: calei-me eu, para deixar a minha alma voar em procura d'essa luz, d'essa Verdade que antevejo: O Amor unindo n'um laço unico todo o Universo humano — a União dos seres realisada emfim — a producção do trabalho de todos chegando para o pão de todos...

E esse immenso e universal Amor, esse cantico sublime de pacificação e de conformidade, erguendo-se para Deus — subindo, subindo sempre! Incenso feito de bençãos resignadas, de lagrimas desopprimidas, de dedicações desinteressadas...

Horisonte illuminado por uma claridade infinita, como eu te preadivinho atràvez do nevoeiro denso, negro, miasmatico, que se evola d'este lodo infernal, d'esta amalgama pestilente de todas as miserias do Homem!...

— Mas — disse-me ella, acordando-me e revocando-me do meu extasis — ainda me não explicou bem todo o seu pensamento.

— É por que me não acompanhou agora n'uma instantanea viagem que *eu acabo de fazer* atravez dos seculos por vir — disse-lhe eu sorrindo. — Se tivesse visto o que *eu vi* desculpar-me-ia e dispensar-me-ia das deficiencias de que me accusa.

— Levasse-me comsigo...

— São viagens do *eu* em expressos de um só logar. Todos lá podem ir, mas com a condição regulamentar e terminante de irem sós.

E mudando de tom:

— Estou, porém, á sua disposição, tomando no emtanto a liberdade de lhe lembrar que já passa da meia noite, e que...

— Que importa isso! Demorar-me-hei — atalhou ella. — Mas, já agora, desejava immenso que me respondesse a umas perguntas.

— Como quizer.

—Affirmou que a Familia é a base fundamental das nossas discordias?...

—Affirmei e affirmo.

—Então diga-me: quaes são essas discordias que se devem á Familia?

—Perdão: quaes ellas sejam já eu disse affirmando-lhe que *são todas*. Agora, se duvída, queira dizer-me quaes aquellas que pensa merecerem exclusão da regra que estabeleci.

—Quaes?... Por exemplo: as discordias provocadas pela differenciação de raças...

—Essas não, pelo amor de Deus! Não ha odios geraes intuitivos no coração humano. Junte duas creanças de *raças* differentes, e vêl-as-ha beijarem-se passado o curto espaço de mutuo e natural retrahimento. Eduque-as sob o mesmo tecto e ellas amar-se-hão fraternalmente.—Pois o que é a differenciação de *raças* senão uma consequencia interesseira da differenciação dos povos? e o que é a differenciação dos povos senão a consequencia interesseira e egoista da differenciação das familias? O que é toda a subdivisão territorial, e com ella toda a animadversidade politica dos povos senão o resultado da propriedade individual? O que é a *patria* senão o antigo e limitado senhorio de um rico homem, dilatado pela força ou pela astucia para grandeza e honra da Familia?

—As discordias religiosas...

—Não; tambem não. Não ha religião alguma de culto exterior que se não baseie no interesse, ou na ambição do predominio social. Procure bem e lá verá

o interesse material da Familia como base fundamental d'esse interesse religioso.

—Mas sendo assim como diz, a Religião seria consequente da Familia e não a Familia da Religião. Ora a mim ensinaram-me que o *matrimonio é um sacramento da Egreja...*

—Isso é individualisar a sua argumentação—é restringil-a a um determinado artigo de um determinado regulamento... Mas vá lá, responder-lhe-hei partindo da certeza de que quando eu digo Religião de culto, me não refiro nunca nem a esta nem áquella, mas sim a todas as religiões de culto exterior e formalista, porque para mim ellas teem todas os mesmissimos defeitos iniciaes: a industria especulativa d'um sentimento intuitivo, e a irracional e contraproducente comprehensão de Deus.—Reatando o fio da meada: disse-me que, porque um dos sacramentos da Egreja Romana era o matrimonio, se devia subentender que a Familia é uma consequente da Religião, e não a Religião da Familia, como eu anteriormente insinuára.

Isso é o mesmo que dizer que não houve a Familia constituida antes da constituição do *matrimonio catholico*, e que a não ha onde essa Egreja não tem predominio official ou particular de especie alguma!

Entre parenthesis e como simples e rapido esclarecimento: eu disse, sublinhando, *matrimonio catholico*, e não *matrimonio christão*, porque, felizmente, Christo nem inspirou, nem recommendou por fórma nenhuma semelhante *sacramento*.—Como lhe ia pois dizendo, bem vê que o seu argumento cae pela base,

visto que a Familia tem, pelo menos, 6 mil annos de existencia historica, e o Catholicismo é de outro dia. Não; não foram as religiões que por ahi se gladiam que fizeram a Familia — a Familia é que as fez a ellas, como fez tudo quanto ha de mau sobre a Terra.

Escusado é ter lido muito para se saber que as religiões de culto exterior tiveram o seu rudimentar inicio nas superstições familiares — d'essas superstições nasceram os *feitiços*, os *lares*, os *manes*, os pequenos e triviaes *manipanços* da Familia primitiva. D'esses pequenos cultos supersticiosos e familiares, ainda hoje reproduzidos nas *figas*, nos *bentinhos* e nas incoherentes preferencias publicas e officiaes d'este *Christo* por aquelle; d'esta *Nossa Senhora* por aquella outra; de *S. Pedro* por *Santo Antonio*, e de *Santo Antonio* por *S. José*, etc., etc.; nasceu por certo a ideia, já interesseira e meramente industrial, de um culto maior que se impozesse á veneração commum — ou antes: á submissão geral. E isto é tão natural que assim tenha sido, quanto é certa a existencia do *deus mau*, do *deus vingativo*, do *deus terror*, nas primeiras religiões de culto exterior de que reza a historia. — E não só das antigas como das nossas, das actuaes: pois não ouvimos nós clamar Ahi, a cada passo: «Foi Deus que se vingou. — Foi Deus que o castigou. — Foi Deus que o matou?!»

Esse facto monstruoso da imaginação do Homem, não tem nem póde ter outro fundamento racional que não seja o de obrigar á submissão pelo mêdo.

— Submissão a Deus.

— Seria por igual monstruoso, mas não é para Deus que se requer essa submissão, não! Requer-se d'este áquelle, d'aquelles a este, de todos a alguns...

— E diga-me: crê na possibilidade de uma constituição social em que se podessem evitar esses e outros resultados da imaginação humana?

— Creio firmemente. Elimine de si o interesse individual, familiar, restricto, generalise esse interesse a *todos por um e a um por todos,* e a sua imaginação não produzirá monstruosidades prejudiciaes nem deprimentes para os outros, pois que produzil-as em detrimento alheio será o mesmo que produzil-as em seu proprio e immediato prejuizo.

Para que se comprehenda bem o que eu desejo é mister que nos abstraiamos *por completo* de todas as condições sociaes em que vivemos, e que nos viciaram, cegaram, corromperam, atrophiaram.

— E acha que para que nós attingissemos esse chimerico Eldorado bastaria acabar com o matrimonio, digo, com a familia official?

— Acho; a transição seria longa e penosa, mas ainda assim a mais curta. Emquanto a Familia existir a União não se effectuará.

— Avançando semelhantes proposições deve por certo ter pensado e estudado qual a mais lenta e possivel progressão transitiva — quaes os *primeiros passos* que daria, que determinaria, se podesse, no caminho da *sua* regeneração social?

— Os mais simples, os mais intuitivos, — alguns dos quaes já hoje acceitos e considerados como urgentes pela opinião publica.

— Quaes?

— O registro civil obrigatorio;

o divorcio exequivel por incompatibilidade de genios;

a liberdade de cultos sob um regimen regulamentar industrial;

a...

— Perdão! — atalhou ella. — O que quer o senhor dizer com *regimen regulamentar industrial do culto?*

— Quero dizer que deixava a todas as religiões de culto exterior o direito de ganharem livremente a *sua vida*, com tanto que pagassem ao Estado todos os tributos regulamentares e relativos das demais industrias. Pois não acha natural e corrente que quem vende rezas e sacramentos pague ao meio geral que explora a contribuição respectiva dos seus lucros?

— E julga que teria com isso exterminado a Egreja?

— Moralmente, teria descarregado sobre ella o *golpe de misericordia*. O tempo se encarregaria de a inutilisar materialmente. Faça da Egreja o que ella é — uma industria, — lance sobre essa industria a contribuição proporcional ao seu enorme rendimento, e verá como no dia seguinte apparece uma bilheteira á porta de cada templo, como se vê hoje á porta de cada theatro. N'esse dia em que cada um tiver de pagar a sua entrada para ouvir a missa que lhe dizem ou que lhe cantam, — como paga hoje as orações particulares que

manda rezar,—o publico, a concorrencia, irá rareando até ficar em breve limitada a uma especie de *sport*, que tambem por sua vez se irá desilludindo até desapparecer de todo.

—Está bem. Desculpe a interrupção.

Prosegui:

—A edificação e manutenção, em todas as freguezias do Estado, de proporcionaes recolhimentos de criação e educação de menores (maiores de um anno), alevantados e sustentados á custa de uma contribuição lançada sobre o trabalho estipendiado de todos os individuos de ambos os sexos, salvo as mães durante o periodo natural da amamentação—um anno.

—Voluntario ou obrigatorio, o internato n'esses recolhimentos?

—Voluntario o internato mas regulamentada a sahida.

—Que educação civil daria a essas creanças internadas?

—Era preciso ter em vista um grande principio de equidade para que a injustiça dos privilegios não guerreasse o equilibrio necessario a todas as diversas funcções do trabalho nacional, bem sei. Mas a transição, como lhe disse, só poderá ser lenta e penosa. Vimos de um grande mal, para que possamos convalescer em dias. No emtanto, como lei regulamentar *inicial*, poderia dar-se a cada creança a educação civil mais completa correspondente ao mister exercido pelo pae.

—E o que mais faria?

—Como leis subsequentes d'estas, muitas outras de immediata necessidade. A principal seria a diminuição dos direitos de hereditariedade—esse abutre do nosso pão, esse vampiro do nosso sangue—em beneficio das instituições publicas: dos recolhimentos da infancia, da velhice, dos invalidos, dos enfermos, das escólas, etc. Lentamente mas progressivamente ir-se-ia assim convertendo a propriedade particular em propriedade commum e social.

—E qual o ideal religioso de tudo isso?

—A Verdade—Deus.

—Quer saber o que eu julgo ouvir, ouvindo-o?—disse-me ella mudando de tom.

—?...

—Os gritos de Prometheu.

—Não o julgue só, creia-o; e creia que elles serão ouvidos emfim, e que a Humanidade o libertará um dia.

—Visionario!...—e sorrindo estendeu-me a sua mão pequena e fina, que eu tomei e demorei entre as minhas.

—Diga antes vidente.

....

....

10/8/99

DEPOIS

—

Alguem a quem fallei na constituição e no thema do conto que se leu, aconselhou-me:

— V. deve lêr muito e pensar muito antes de se abalançar a um trabalho de tamanha responsabilidade.

Respondi-lhe com verdade:

— Pensar, sim, tenho pensado muito — tanto quanto me tem sido possivel; lêr, tenho lido apenas um unico livro que me póde guiar e ser conselheiro no meu trabalho — é o livro da minha vida. N'elle compendiei tudo que tenho visto e ouvido, e foi d'esse *memorandum*, d'esse verdadeiro diario da minha existencia, que eu deduzi o mal fundamental de todas as minhas e de todas as alheias desventuras. Assim, bom ou mau, o livro que eu fizer será *meu*. Ler, lerei depois, para saber então os pontos em que divirjo dos que se affirmaram antes de mim em identicas ou similares convicções.

— Faz mal — continuou esse *alguem*. Ha já muita coisa escripta sobre assumptos iguaes ou parecidos, e V. poderia mesmo fortificar-se com as opiniões dos que o antecederam.

— Não. Deixe-me com o meu erro, se o é. Penso, porém, que, *para o que tento fazer,* não preciso de lêr o que ha escripto. De resto, se quizesse, se *o que sei* me não fôsse sufficiente, bastar-me-ia ir lendo e ouvindo o que por Ahi se dissesse, dia a dia, nos primeiros livros ou nos primeiros jornaes que me viessem á mão — nas mais vulgares, familiares, e espontaneas cavaqueiras em que me encontrasse.

V. está enganado: o meu trabalho é certo que é um trabalho de demolição, mas essa demolição vamol-a fazendo instantemente todos nós — ou antes: vimol-a fazendo ha muito. Dizer alto o que se pensa, póde ser; que seja ainda hoje o privilegio, o exclusivo de um limitadissimo numero de individuos — mas dizerem-n'o baixo, em segredo, parabolicamente, quem ha ahi que o não diga?

No dia em que eu o quizesse, creia! todos os escriptores modernos, e, com elles, todos os meus amigos, conhecidos e desconhecidos que fallassem commigo, collaborariam no meu livro.

— Isso, desculpe a franqueza! tem assim ares de affirmação gratuita!...

— Todos, repito — *todos!* — affirmei de novo — Não que o fossem porque o seu espirito me acompanhasse positivamente, conscienciosamente, na directriz exacta do meu pensamento, mas sim porque iria bus-

car a cada um o obulo preciso de descrença, de magua, de nojo, de soffrimento, de experiencia, de conselho, para a homogeneidade do meu trabalho.

—!...

—Duvída? Pois eu lhe prometto que, *sem alterar por um instante só* os meus rudimentares habitos de leitura—tão circumscripta, tão limitada como ella é!—n'essa mesmo, e nas accidentaes conversas que eu ouvir, encontrarei a collaboração de que lhe falei.

....

Prometti-o—cumpro-o.

O que vai lêr-se é meu, é teu, é d'elles, é de todos.

Ouvi-o, li-o, deduzi-o, durante o periodo exacto que me levou a escrever o meu conto, interrompido a breves espaços pelas obrigações imprescindiveis do meu *ganha pão.*

O que vai anonymo, tomo eu a responsabilidade d'elle. Poderia, porém, se quizesse, *pôr os pontos nos i i*, e Tu estremecerias de certo vendo-te apanhado em flagrante delicto de verdade.

Aguardarei, porém, que me insultem, renegando-se hypocritamente, àquelles mesmos que eu poupo á publicidade dos seus nomes.

Isso confirmar-me-ha ainda mais nas minhas inabalaveis convicções: de que não ha Ahi nada, nem ninguem, que viva uma vida franca de verdade. E que se essa Verdade não é possivel, é por que al-

guma *causa* fundamental a manieta, a opprime, a amordaça. Ora *essa causa* não póde ser motivada senão por um interesse mais individual do que commum, visto que pelo interesse *propriamente commum* ninguem se sacrifica. E que outro interesse individual póde existir que se não relacione immediatamente com a Familia?

Claro, pois, que é a Familia a *causa* fundamental da Mentira em que vivemos, e portanto a base incontestavel de toda a discordia humana.

Transcripções, dialogos, e deducções justificativas

Julho — 5

Acredito bem que não valho nada — diz-m'o cruamente, friamente, a convicção intima da minha improductibilidade. Em 38 annos de vida, o que tenho feito eu? Nada que fique. Manter-me.

E comtudo, a este inexoravel e intimo juiz que me condemna, eu estendo os punhos cerrados n'um movimento covulso de protesto desesperado!

É que ha Ahi alguem que me desdenhou e despresou — alguem que me atirou, por inveja, ou por malvadez, ou por inepcia, para esta inutilidade continua do meu viver.

Quem? Tu.

— «Foi um dia cheio, aquelle, bemdito seja Deus! Ganhei honradamente, em 24 horas, a fortuna e o bem estar da minha familia.

— «?

— «Eu tinha os meus armazens atulhados de bacalhau — algum d'elle já fermentado e outro pôdre. Se os novos carregamentos chegassem ao mercado, teria de liquidar com um prejuizo espantoso, se não de pagar ainda a quem m'o tirasse de casa.

De repente recebem-se telegrammas de que os navios taes e taes tinham arribado, e outros se tinham perdido em consequencia de temporaes violentos. Dei um salto de alegria! Estava salvo e rico! No mercado, o unico deposito existente era o meu. Vendi tudo, pelo preço que lhe puz! Era pegar ou largar... Pegaram todos, que se regalaram!...»

....

— De que monstruosidades se faz a fortuna de uma familia! — disse eu commigo mesmo.

Phrase do dia: «Morreu de saudades pelo filho.»

6

Pedir a Deus o quê? Que *se* revogue em beneficio dos teus interesses, das tuas desgraças, ou dos teus sentimentos? — Estupido!

Que miseravel ideia que fazes da Perfectibilidade!

— «O seu nome?

— «João.

— «De quem é filho?

— «E o senhor o que tem com isso?...

— «Ha ahi, no «Minho e Douro», homens a quem pagam *18 horas* consecutivas de trabalho, obrigados a relativa decencia, com 257 reis por dia!—14 $^1/_2$ reis por hora! E esses homens ainda se não fizeram bandidos!...

— «E' tamanha a derrocada em que o meu espirito anda envolvido, que nem a elle mesmo o distingo já no meio de tantas ruinas.

— «Não ha nem póde haver padres bons. Os que por Ahi são tidos e havidos como taes, não são bons —são simples ou ineptos.

Esses podem merecer-me commiseração, mas nunca veneração.

A bondade importa a ideia immediata da utilidade publica. O homem que vive, sem fazer nada, sem produzir nada, do trabalho e da boa fé dos outros, é sempre um mau, por que é sempre um estorvo.

O padre consciente da sua inutilidade, da sua

improductibilidade, do seu parasitismo, é um perverso que deveriamos obrigar a trabalhos forçados e violentos, para compensação do tempo perdido e do estorvo produzido. O tal *bom* padre, estupido ou ignorante, é uma força malbaratada que se deveria aproveitar com imposições semelhantes, muito embora attenuadas pela commiseração conquistada. »

Na rua:

— « O que faz esse homem velho, lá ao longe, a que chamam Pápa?

— « Pápa. »

De uma carta de meu sogro, textual:

« Se eu soubesse que meu genro era um homem sem religião e sem respeito ao seu Rei, póde crêr que lhe não daria a minha filha em casamento. »

A triplice alliança: Estupidez, Maldade, e Velhacaria. — Ou seja: Religião, Patria e Familia.

Phrase do dia: «Se F... casou, mulher tenho eu.»

7

— « A paixão (periodo agudo do amôr sexual) é, na maioria dos casos, uma inquietante enfermidade nervosa que se aggrava tanto mais quanto fôr contrariada. A posse é a cura radical d'essa molestia. Não é verdade?

— « De accordo.

— « A paixão é pois, na vida humana, um estado violento, irreflectido, obcecante, transitorio... Com que direito racional lhe exigem um juramento de fidelidade?»

Iamos, das margens do Lucala a caminho do Dondo — eu e os 8 carregadores da minha tipoia — quando nos estorvou o passo um velho Quissama, semi-nu e altivo.

— « Burros! — apostrophou elle voltando-se para os meus carregadores.— Não tendes vergonha de carregardes com um homem?

E dirigindo-se-me em seguida:

— « E tu; que vens aqui fazer? O que é que queres de nós?

Os pretos que me seguiam, caminharam ameaçadores para o velho. Suspendi-os e respondi-lhe:

— Venho trazer-te beneficios: a civilisação, os caminhos de ferro, o desenvolvimento commercial...

— «Quem te pediu esses favores? — barafustou o Quissama — O que tu vens é procurar a tua riqueza á custa da nossa tranquillidade. Não é o desinteresse que te móve, não! Tu mentes. Deixa-nos — vai-te embora!...

Estupidamente, os meus carregadores revoltavam-se, e eu mal os poderia conter se me demorasse.

— Vamos! — ordenei-lhes.

E collocando-me diante do velho defendi-o de um insulto imminente.

— «Anda! anda burro! carrega!... clamava elle.

E tangeu, tangeu sempre, até que desapparecemos todos na volta do caminho!

....

Ouve lá, oh Tu! Porque é que me recusas o *direito* de ser pae dos filhos que tenho da minha amante?

Se *escusas* a filiação paterna d'estes, para que *exiges* a dos outros?

Que destroes Tu com isso?

Sabes! És profundamente besta, se não és profundamente mau.

Phrase do dia: «A mulher e os filhos deram com elle em doido.»

8

— «Ora! os parentes!... — Os parentes procuram-me para me lastimar, reprehender, e dar... conselhos — os estranhos procuram-me para me fortificar, salvar, ou soccorrer.»

— «Religião do Estado!... O que vem a ser isso n'um estado que permitte a plena liberdade de cultos? — Quem é o Estado? Não sômos nós? Como se entende, pois, *essa comedia:* que tenhâmos liberdade e restricção de culto? Era ou não era? Somos ou não somos?»

— A tua amante estuda-te o genio e o feitio para se amoldar a elles — a tua mulher tenta dia e noite subordinar-te ao seu modo de vêr e de pensar.

— «Era eu empregado do Caminho de ferro do Porto á Povoa, quando um dia (em 1878 ou 1879) vi, passeando ao longo da *marquise* da estação principal, o celebre jornalista republicano José Joaquim Rodrigues de Freitas, com o, então, director d'esse Caminho de ferro, Joaquim Pedro d'Oliveira Martins.

Conversavam os dois animadamente, parando de espaço a espaço, gesticulando, interrompendo-se.

Curioso de saber do que tratavam, passei-lhes á menor distancia que o natural respeito de subordinado me permittia.

—«Mas o que quer V., diga! o que quer V.?» —interrogava Oliveira Martins em voz um pouco alevantada.

—«Uma escola em cada porta»—respondeu-lhe Rodrigues de Freitas.

—«Uma forca em cada lampeão!...»—retorquiu-lhe Oliveira Martins.

....

Evolução e Revolução!...

N'esse tempo eu, que suppunha a vida longa, teria optado pela companhia de R. de Freitas; hoje, que a sei tão breve, pôr-me-ia ao lado de O. Martins.

Tenho por ti o maximo desprezo, oh Tu! que te conformas, que transiges, que te resignas, em nome das *conveniencias*. Não vales um cabello do homem que se affirma.

Phrase do dia: «*Elle* a sahir e o *outro* a entrar».

9

Delimitação de fronteiras!...
—Quem vem lá?
—Um homem.
—De cá ou de lá?
—Do mundo.

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor»!... Vinte e nove letras perdidas em trinta e cinco!—Duas banalidades e fazerem-te cortejo, oh! parvo!

Phrase do dia: «Deixou viuva e 5 filhos na miseria.»

10

—«Desengana-te d'isto: mulheres casadas *materialmente* virtuosas, póde havel-as ahi na proporção de 25 %, isso póde; mas homens casados *materialmente* virtuosos encontral-os-has na proporção de 1 por mil, se os encontrares.

Phrase do dia: «A mulher não descançou emquanto o não poz n'aquelle estado».

11

Entre mim e um medico meu amigo:

—«V. esteve doente?

—Não, porque?

—«Que diabo de cara a sua!...

—Muitas amarguras, meu caro! Nove pessoas a vestir e a sustentar!...

—«Quantos filhos tem?!...

—Sete.

—«Irribus! E V. porque não põe cobro a isso? Eu fiz um, e... nem mais meio.

—Ignoro a receita Dr.—Se é caritativo ensina-m'a.

—«Escreva lá na memoria: *Recipé*—: Sacie a sua mulher, e sacie-se nas mulheres dos outros.—Adeus! Não me déve nada.

E rimos ambos, seguindo cada qual para o seu lado.

Phrase do dia: «Matou a mulher com ciumes.»

12

—Tenho a honra de pedir a v. exc.ª a mão de sua filha.

—Oh! meu caro senhor!... A honra é toda minha!...

Sorridente, para a mulher que entra:

—Chegas em boa occasião, minha amiga! O snr. F... acaba de me pedir a mão da nossa querida filha!...

—Sim!... Que felicidade!...

Para a filha que apparece ao fundo:

—Vem cá, pequena! Estavas a escutar!... Aqui tens o snr. F... que nos deu a honra de vir pedir a tua mão. Que nos dizes a isto?...

A filha escondendo o rubôr no côllo da mamá:

—Meu Deus! como sou venturosa!...

....

Lês-te? Lês-te bem? E não comprehendeste o que ha de ignominioso, de falso, de infame, e de obsceno em tudo isso?

Se não comprehendeste és burro.

Phrase do dia: «Quem me pilhára solteiro!»

13

—«Quantos namòros teve tua mulher?

—«Teve dois.

—«Pois pódes ter a certeza que tem *dormido* com ambos, junto de ti, e no teu proprio leito. Em compensação tu tens-lhe feito o mesmo com toda a innumeravel série de mulheres que tens desejado.

Phrase do dia: «Coitado! Com mulher e filhos, o que lhe ha de elle fazer!...»

14

Dizia-nos, pela Quaresma, o padre Joaquim, que foi cura ahi d'uma freguezia:

— «Vossês fazem lá ideia! É assombroso! Este anno ainda não confessei uma unica que não tivesse corneado o marido!... (sic).

E não o dizia a brincar, dizia-o a sério, desesperado contra tanta depravação.

Phrase do dia: «E o que elle se mata para sustentar essa pécora!...»

15

Eu a escrever estas coisas, e a minha mulher a cantar, adormecendo um filho na toadilha melancolica do fado:

«Do meu passado ainda tenho
«Saudades d'uma illusão,
«Quando sinto que me falta
«Metade do coração.»

E que desespero o meu! Como de repente me pareceu que viera *alguem*, á invocação d'esse canto, dár-lhe beijos, a ella, na bocca, sem eu me poder oppor, sem eu *o* poder matar, sem eu *o* poder trincar, sem eu poder deixar de ser extraordinariamente ridiculo, diante *do seu* ironico sorriso de conquistador impalpavel!...

— Era bonita, aquella quadra que estavas a cantar ha pouco...

— Qual?

— « Do meu passado ainda tenho
« Saudades d'uma illusão...

— Ah!...

E tornou-se triste.

— Parece que te impressiona essa quadra?...

— Impressiona. Não sei porquê, quando a canto, lembro-me da Maria Emilia...

A Maria Emilia, era uma nossa filha que nos morreu ha muito.

E torturei-me eu ha pouco!...

Já viram, nada mais estupido do que o ciume?!...

Phrase do dia: « Ora! meu caro! Isso é bom para quem não tem familia. Quem tem mulher e filhos, póde lá ter consciencia!»

16

—«A mulher casada é sempre odiada pela mulher solteira. É que esta sente-se victimada pelo egoismo d'aquella e não lhe perdoa, nem nunca lhe perdoará. D'aqui o desespero com que as duas se guerreiam na conquista do Homem, e a satisfação illimitada com que se dilaceram e destroem quando podem.»

Usofructuaria!...
E não morre esse estafêrmo?!...

Phrase do dia: «Fique solteiro, homem! não seja tolo!...»

17

De Xavier de Carvalho para a «A Folha do Norte»:

«É preciso primeiro mudar a organisação social para transformar o individuo. E' o meio que faz o homem.

«Se amanhã transformassemos por completo em Portugal as nossas instituições sociaes, politicas, religiosas, juridicas etc., o povo portuguez seria outro, porque seria mais illustre, mais livre e mais apto para o conflicto moderno da civilisação.

«E se fizessemos esta experiencia?

«Não ha mulher *nenhuma* que se não lisongeie intimamente com ser requestada.»

Falavamos os trez — o Lemos, o Julio e eu — do prazer brutal, animal, da desvirginisação, e, descaradamente, entre rapazes, enumeravamos *gloriosamente* os nossos feitos.

O Lemos disse:

— «A mim falta-me *uma* para 3 duzias — (sic).

Eu olhei para elle, d'alto a baixo, como se nunca o tivesse visto.

O Julio achou natural e correntissimo:

— Ora! o que admira! Nas tuas condições! — E enumerou as qualidades: administrador, presidente de camara, vinhateiro abastado...

O outro, o Lemos, sorria-se...

— E Tu, que me lês, quantas? Fala verdade, impostôr, que ninguem nos ouve.

Já reparaste como tua mulher se transforma, se torna risonha, espirituosa, mais gentil, e até mesmo muito mais bonita quando lhe apresentas um dos teus amigos ou um dos teus conhecidos?

Phrase do dia: «Pobre mulher! que martyrio o d'ella com aquelle homem!...»

19

De Nine para o Porto, viagei hontem á noite com um casal de noivos n'um compartimento de 2.ª classe. Como alli não viesse mais ninguem, dei-me á generosidade curiosa de me fingir a dormir para os deixar á vontade.

De facto, dentro em pouco, suppondo que eu nem os via nem os ouvia, beijaram-se e abraçaram-se. Em seguida entretiveram o tempo fazendo confidencias mutuas a meia-voz — ou antes: ella inquirindo do passado d'elle, e elle desabafando suezmente em minucias repugnantes.

Entre outras ouvi esta: elle tinha tido uma rapariga «de quem fizera uso» (sic) e a quem promettera casamento.

— «Mas se soubesses o que me custou a vêr-me livre d'essa carraça!...

A noiva sorriu e argumentou:

— «E se ella te obrigasse?

— «Obrigasse a quê?

— «A casar, está claro; pois não foste tu que a desfloraste? (sic)

— «Boa! Não que nem que eu fosse algum tolo que me não tivesse segurado!...

Ella fez um movimento de cabeça interrogativo; elle sorriu vaidosamente e proseguiu:

—De combinação commigo, entrou o Domingos uma noite em casa d'ella, a titulo de esperar por mim. Ar-

ranjei testemunhas do caso, bati á borta, *dei por paus e por pedras*, armei um estardalhaço medonho, e... e prompto! Depois d'isso *que me pegasse nas botas!...*

— « Que marotos que vossês sois todos!... (sic) exclamou a noiva, sorrindo, achando graça á partida.

E n'outro tom:

— « Ora falla verdade: quantas tiveste tu?

Elle com toda a *póse* dos seus merecimentos:

— « Eu sei lá!...

— « Não sabes tu outra coisa!... Dize, anda!...

— « Vinte e nove. *Honra e gloria!*... Não cheguei ás 30!...

E pondo-se grave:

— « Mas juro-te que desde que te encontrei, no Porto, nunca mais me deu para fazer caso d'outra. (sic).

— « Ora! — contestou entre duvidosa e fingidamente modesta. — Tanto tempo!...

Elle affirmou com força:

— « Acredita.

E beijaram-se.

....

Eu sahi em Campanhã e elles seguiram para S. Bento. Despedindo-me, disse-lhes:

— « Devem ser muito felizes porque são ambes dignos um do outro.

— « Obrigado! — responderam-me penhoradissimos, sorridentes, parvos.

E lá foram, aquelles dois ajoujados, gozar *a paz* e as *delicias* de mais um lar, de mais uma familia!...

Phrase do dia: «Foi a mulher que o arruinou com o luxo.»

20

Ás 2, 2 1/2 da manhã, escuridão cerrada, principia o desfile da romagem de famintos em direcção do trabalho, do mercado, da interminavel lucta pela existencia que levamos. Tenho ido para a janella do gabinete em que escrevo estas linhas, fóra de barreiras, em plena e concorrida estrada de communicação districtal com o Porto, presenciar esse desfile: primeiro de vultos quasi indistinctos, amassados com as trevas, silenciosos, vagos, somnolentos, infelizes que se arrastam sob o pezo de carretos diversos, confundindo-se com elles em volumes disformes, desde as saccas de carvão de choça, até aos jigos pesadissimos cheios de fructas ou de legumes; depois amarellecidos, d'um branco terreno que os assemelha a cadaveres, quando as primeiras claridades da madrugada lhes principia a illuminar os rostos. Alguns, correndo, receosos de multas ou demissões, as saquitas com borôa debaixo do braço, as roupas esfarrapadas, os pés descalços, por essa estrada adiante—Mulheres de idade, arrastando-se a custo—Raparigas novas, rapidas, afadigadas, que vão longe, á beira mar, buscar peixe para venderem depois, na volta, por essa soalheira terrivel das estradas seccas, fumegantes, descobertas...

E como se tudo isto não bastasse, como se a esta verdadeira procissão de desgraçados faltasse ainda alguma coisa, lá veem tambem os *anjinhos:* rapazes de 10 a 12 annos, moços de trolhas ou de pedreiros, e raparigninhas da mesma idade, que as mães estremunham, arrancam das enxergas, fazem erguer a gritos obscenos, para que ellas se arrastem, carregadas pela noite adiante, pela Vida fóra...

E quando eu vejo tudo isto, este desfile de miseraveis, esta procissão de immundos, esta romagem de opprimidos, e penso que tudo isso vai e vem com fóme e com somno, para que Tu possas dormir descançado e farto até des'horas, sinto arrepios de pavor ao lembrar-me do immenso e concentradissimo odio que Tu despertas, nos desesperos e nos intensissimos soffrimentos que provocas, na innumeravel serie de enraivecidas pragas que te cahem sobre o leito como chuva de lagrimas amargas, sanguineas, ferocissimas.

Mas pensas lá Tu por ventura em tudo isto! Nas lagrimas, nas dôres, nas vicissitudes com que foi amassado o pão que dás de manhã a teus filhos! Pésas Tu lá por ventura todos os sacrificios humanos que se englobaram para que á tua familia não falte o *preciso* e o *superfluo* de que Tu a rodeias!

Oh! não, não! Tu não pensas em semelhantes coisas! Tu *pagáste*, e essa desculpa te basta, para que te julgues acceito, e para que adormeças tranquillo e sem remorsos. *Pagáste!...* Como se fosse possivel pagarem-se os somnos interrompidos das creancinhas que vieram por essa estrada fóra, vergando a pesos, can-

çadinhas, famintas, trazer-te o obolo do teu bem estar! Como se fosse possivel pagarem-se todos esses cruciantissimos gemidos que, de noite ainda, se erguem para a claridade proxima da madrugada!...

Phrase do dia: «Foi a mulher que o arruinou com o luxo.»

21

De Xavier de Carvalho — «Cartas Parisienses» para *A Folha do Norte:*

O TRAFICO DAS BRANCAS

«O csar interessa-se muito pela repressão da prostituição e promette fazer tudo quanto seja ao seu alcance para reprimir o trafico ou venda das raparigas que saem enganadas de Paris e de Bruxellas para os lupanares russos.

Em Paris, os philantropos tambem procuram por todas as maneiras estorvar a marcha ascendente da prostituição.

O peor é que esses philantropos são os melhores clientes das *maisons closes* e são ao mesmo tempo os directores das fabricas onde as mulheres ganham um salario tão mesquinho que, para viverem, são obrigadas a *fazer o trottoir*.

A hypocrisia burgueza não tem limites.»

Ainda do mesmo Snr.:

«Zo d'Axa, acha que não chega a haver em Paris 200 individuos a quem a gente possa apertar a mão na rua sem córar.

Libertario convicto, individualista mais do que communista, Zo d'Axa é inimigo implacavel de todas as instituições burguezas.»

Do *Guerreiro e Monge* de Antonio D. Campos Junior:

Pag. 65— «Pobres corações torturados, que tinham dentro de si o seu pungentissimo drama. Estavam alli, frente a frente, quatro amargurados comediantes no disfarce dos seus receios e das suas amarguras.»

«É assim a comedia da vida, a comedia inevitavel, imposta pelas *convenções do mundo*, (o gripho é meu) a comedia feita de serenas palavras com que se amordaçam dôres, e de sorrisos artificiosos com que ás vezes se mascaram as mais duras tragedias do coração humano.»

Pag. 72 — « — Senhor de Israel, que immensa dita a minha quando esse dia chegar!»

«*Como os christãos e os moiros,* o judeu *apontava* a divindade suprema da sua fé, *invocando-a na ancia das suas ambições e dos seus odios.*»

. . . .

No *Guerreiro e Monge*, como em tudo que vou

lendo, que tenho lido e que houver de lêr, o queixume é sempre o mesmo!

Mas ha mais, leiam:

Pag. 91 — «E não podia. (Esquecer a outra). Reconhecera-o já. As seducções irresistiveis da mulher fidalga escaldavam-lhe o sangue, mas suggeriam-lhe fundas saudades da outra, que os olhos lhe estavam a vêr longe, na sua casta e ingenua simplicidade, immaculada flôr que ninguem tocára. E tanto a via sempre, que não raras vezes lhe parecia sacrilega macula estár-lhe nos olhos a visão da angelica adolescente, quando outros braços de mulheres se abriam para elle apaixonadamente.»

Phrase do dia: «Isso é um côrno como umas casas!»

25

— «Ah! eu sou uma mulher honesta! Nunca me dei senão ao meu homem!...

— «Como o demonstra?

— «Com o meu passado e com o meu presente, ambos irreprehensiveis.

— «Irreprehensiveis perante quem? Perante o mundo ou perante a sua propria consciencia?

— «Perante o mundo e perante Deus.

— «Mente.

Phrase do dia: « Paz em casa e guerra com todo o mundo. »

26

— « Então sua mulher não é *sua?*...

— « Minha?!... Sim: perante o codigo civil e religioso que nos outorgamos « ella é minha e eu sou d'ella » — palavras ócas, contrasenso, banalidade que não resiste á mais insignificante analyse.

Moralmente, *naturalmente,* ella é tanto *minha* e eu sou tanto *d'ella,* que... que nem sequer nos comprehendemos!

De Edmond About:

« Quanto a mim nada mais facil que conservar-me fiel. Só tu existes para os meus olhos.

Quando mesmo eu não tivesse disposto da minha vida por um compromisso que o nosso mundo registou e approvou, vêr-me-hia na impossibilidade material de dizer « amo-te » a uma mulher que não fosses tu. Ha, acredita-me, uma graça do céo para os noivos como nós. Porque é que as frequentadoras do bosque de Bologne que fascinam os maridos e que os arruinam, nos inspiram um profundo desgosto? Eu não fallo só de mim, mas tambem de Americo, Roberto, Adolfo, ou Carlos, de todos aquelles que deram livremente o

coração a anjos desconhecidos e ultrajados como tu. Parece, em verdade, que o primeiro casamento, aquelle que atira uma creança para os braços d'um gosador cançado e gasto, é apenas a escola triste, a desgraçada aprendisagem da vida. A mulher une-se em seguida, com conhecimento de causa, a um homem de sua escolha, e este segundo contracto, livre de todos os calculos que deshonravam o outro, inauguram uma felicidade sem mancha e uma fidelidade inviolavel. »

«Deus foi bom», corresponde a dizer:
«Deus já foi mau».
O homem a aquilatar Deus — que monstruosidade!

Phrase do dia: « Tem mulher e filhos, que remedio senão sujeitar-se. »

27

Deparou-se-me casualmente, na mão de um amigo, a « Sonata de Kreutzer » por Leon Tolstoï, e lendo curiosamente as primeiras paginas, presenti, acto continuo, que esse livro era *um dos taes* que tinham antecedido este, e cuja leitura me tinham recommendado.

Deveria lêl-o ou não? Eu disséra que não leria *pro-*

positadamente nenhum d'esses livros, mas promettera tambem que aproveitaria a collaboração dos que accidentalmente se me deparassem, e este estava agora n'esse caso.

Sim ou não? Optei pelo «sim»—pedi-o emprestado ao meu amigo, trouxe-o para casa e li-o de um folego.

Vamos a elle!

Vale bem por um milhar de collaborações esparsas, porque todo elle é o estudo minucioso e consciencioso da familia actual.

Lêl-o é lêrmo-nos a nós mesmos—é folhearmos uma grande parte do livro intimo, do livro negro, do livro occulto, da nossa propria existencia.

Sim; é aquillo mesmo que eu desejaria ter escripto, que eu desejaria ter podido escrever.

Antes, porém, da transcripção do que mais n'esse livro me póde ser util, como notabilissimo testemunho de que «a Familia é a base fundamental de toda a discordia humana», deixem-me dizer o que sinto e o que penso com respeito ás aspirações de Tolstoï na «Sonata de Kreutzer»—*o fim da humanidade e do soffrimento pela mystica abstenção sexual.*

Estas aspirações—muito embora legitimas e respeitaveis, porque são a affirmação de um crédo—fazem-me lembrar a lendaria torre de Babel, que se não concluiu por confusão de linguas.—Deus castigou assim, insinua a lenda, a pretenção, o *assalto* do Homem aos dominios exclusivos da Perfectibilidade.

Chegar ou querer chegar ao Céo violentando a *or-*

dem natural das coisas, é uma utopia, é uma tentativa que se derruirá sempre, esmagando o temerario emprehendedor sobre os escombros da sua propria obra.

O caminho do Céo — parece-me — está feito e determinado por Deus; quem se metter por atalhos suppondo encurtar a jornada, perder-se-ha.

A Natureza obedece e impõe leis incondicionaes e indestructiveis. — O Homem não é mais do que uma simples e infima particula d'essa mesma Natureza. — Insignificantissima engrenagem do machinismo universal, será espatifado, torcido, violentado, sempre que tentar resistir á força motora que lhe determina os movimentos.

Sob este ponto de vista, Tolstoï é, para mim, a engrenagem que resiste.

Repito: sejâmos *simples,* sejâmos *conformados,* sejâmos *naturaes,* e teremos attingido a perfectibilidade possivel.

Obedecer a Deus é approximarmo-nos d'elle.

Para obedecer a Deus — força motora, creadora e perfeita de tudo quanto vêmos e de tudo quanto sentimos — é mister que nos abstenhâmos da tola pretenção de o questionar e emendar, e que baseemos o governo da nossa existencia na acceitação da Vida tal qual ella se nos impõe e se nos imporá sempre.

Porque nada d'isso tenhamos feito ainda, é que arrastamos uma existencia inteira de maguas, absolutamente mentirosa e falsa.

E quanto mais a falsearmos, mais violenta e maguada a tornaremos.

Attingir *a perfectibilidade* pela abstinencia das relações sexuaes, espiritualisando-nos de fórma que nos eliminemos, não póde ser, porque não póde haver *estado perfeito de espirito* quando não ha a regularisação das funcções naturaes que o geram.

O Homem diverge apenas dos outros animaes pela maior ou menor porção de raciocinio ou intelligencia de que é dotado; mas essa mesma intelligencia não é mais do que a consequencia positiva, reconhecida e manifesta da sua propria regularisação animal.

Qualquer intermittencia organica, a mais simples, diversifica o modo de pensar: a fóme, a sêde, o somno, a digestão, tanto bastam para uma exaltação ou abstenção de ideias anteriormente manifestadas.

Claro, pois, que se a união sexual é uma determinante natural da nossa organisação, a intelligencia não poderá attingir o seu maximo estado de desenvolvimento, estando, ella mesmo, n'um estado imperfeito de retrahimento ou de exaltação pela abstenção violenta d'aquella determinante.

O nosso espirito aquilata-se: em grandeza pelas manifestações da nossa intelligencia, e em bondade pelas manifestações espontaneas das nossas acções — ora se as nossas acções e a nossa intelligencia são determinantes demonstradas das nossas organisação e regularisação animal, é positivo que o nosso espirito é tambem uma determinante das mesmas funcções materiaes.

O mystico espiritualismo de Tolstoï seria, pois, um

estado imperfeitissimo, desnatural e deshumano, que, longe de nos approximar de Deus nos distanciaria d'elle, pelo atrophiamento da sua obra, pelo espesinhamento de todas as suas leis.

A materia impõe-se-nos absolutamente. Estabelecem-se-lhe as influencias por uma fórma irrefutavel.

Temos de ser naturaes se quizermos ser cordatamente felizes. É preciso que nos materialisemos e não que nos espiritualisemos.

O nosso espirito não poderá nunca emendar ou reformar a grandiosa obra da Perfectibilidade Absoluta.

Ha 8 ou 10 mil annos provaveis que o homem conhecido vem trabalhando incessantemente na conquista da Perfectibilidade, na escalada do Ideal, e eu não vejo que elle tenha adiantado um passo n'esse infinito a que procura o têrmo.

O que tem visto, o que tem aprendido, o que tem descoberto, é-nos, a nós, permittido suppôr que lhe tenha sido um beneficio? Não. A aspiração redobra, e o Ideal continua sempre á mesma distancia incommensuravel.

A lenda dá-nos Adão e Eva *nus*, *no Paraizo* — isto é: *simples, naturaes*, e *conformados*, *elles viviam no Céo, perto de Deus — com Deus*. A *Arvore da Sciencia* tentou-os, e elles *perderam-se*, comendo-lhe o *fructo prohibido*. Não me será a mim permittido suppôr e crêr que esse *fructo prohibido* seja ainda hoje aquelle que vamos tirando e comendo da mesma *arvore da sciencia?*

Esse lendario *principio do mundo*, não será antes a historia rudimentar e parabolica do *primeiro passo dado no caminho das sociedades hodiernas?* — Por outras palavras: não será *o primeiro passo dado por um casal, innovador ou reformador de anteriores constituições natura-sociaes, no caminho descentralisador da actual Familia Humana?*

O campo é largo e a imaginação é livre. Note-se, porém, a circumstancia de, pouco tempo depois da historia d'esse primeiro enlace exclusivo, apparecer a historia do primeiro crime desnatural e revoltante — o assassinato — e, successivamente, tantos crimes, tantas violencias, tanta desmoralisação, que Deus *tenta* a reforma e a regeneração da Humanidade destruindo-a com o *diluvio universal.*

E ainda até aqui e d'aqui por diante a lenda me justifica, condemnando a subdivisão social da Humanidade — a Familia. Veja-se *Noé com sua mulher, filhos e filhas, escolhidos pelo Senhor* para a reproducção da nossa especie.

O que impõe Deus a essa *familia unica* senão que se *reproduza entre si?* que se não subdivida? que seja sempre *uma familia unica?*

Eil-os de novo na vida natural e simples, no estado perfeito, e lá vem a pomba saída da arca annunciar a paz e a remissão com o seu ramo de oliveira no bico — e de canto a canto surge no espaço o *arco d'alliança.*

Deus perdoa — Deus sorri — o Homem está com

elle — o *Paraizo perdido* torna a haver-se — a perfectibilidade possivel é mais uma vez um facto.

Essa communidade, porém, não comprehendeu o *castigo* de Deus, nem a missão que elle lhe impoz, viciada talvez pelos defeitos constituintes da sociedade exterminada de que viera — Noé expulsa e amaldiçôa um filho que prevarica. — Não é preciso mais: a subdivisão volta, e com ella o exterminio da paz social, com toda a sua caterva enorme de corrupções e de consequencias nefastas.

Christo surge ainda, ha vinte seculos, tentando a regeneração social. Vejam-n'o na sua vida exemplar de communidade, e digam-me se um dos principios de desmoralisação que elle mais fére e ataca não é a Familia.

Elle deixa a *sua* para adoptar a Humanidade; elle diz a sua mãe « Mulher... »; elle perdoa *á adultera*: « aquelle que não tiver faltas que lhe atire a primeira pedra »; elle perdoa e sorri á *mulher perdida* — Maria Magdalena; elle aconselha a dissolução da Familia: « deixa tua mulher e segue-me »; elle chama a Deus « Pai » — pai de todos.

A sua vida inteira, emfim, não exemplifica senão o desapego e a dissolução da Familia em beneficio da Humanidade inteira.

Não reconhece o *lar*, nem reconhece a *patria*.

Olhos póstos no seu Ideal — Deus — elle procura a convivencia social dos mais simples, dos mais naturaes, e com elles se demora na pratica de uma exis-

tencia conformada e honesta, chamando-os para o derredor de si, para a sua communidade, para essa pequena sociedade de *irmãos* que elle funda, em que os haveres de todos se juntam para a distribuição igual do pão de todos, falando-lhes da Perfectibilidade divina, sem outra lei que não seja a de se «amarem uns aos outros como a si mesmo e a Deus sobre todas as coisas.»

Mas a sua obra cae nas mãos dos detorpadores, dos hypocritas, e dos poderosos, que viram n'ella a ruina dos seus interesses individuaes, e a Humanidade prosegue no caminho da sua malfadada existencia, aproveitando ignobilmente aquella gigantesca e inolvidavel individualidade para a fazer ditadôra de quantas monstruosidades lhe convem.

E' isto, foi isto, deve ter sido isto.

Diz-m'o a harmonia universal e natural do Universo, acordada, cortada, interrompida pelo constante vozear queixumes d'este desgraçado genero humano, unico que braceja desesperado, miseravel, odiento, algemado á Rocha Tarpeia da sua vida desnatural e insubmissa.

D'«A Sonata de Kreutzer»—por Leon Tolstoï—Traducção de C. B.:

«As doutrinas ecclesiasticas, que sem direito se intitulam christãs, tem mudado o ideal christão em interpretações apparentes, e, pelo que respeita ao culto,

empregam a prédica, a auctoridade e muitas coisas mais. Outro tanto fez a Egreja em relação ao casamento. Christo não só não instituiu o casamento, mas, se é preciso procurar interpretações, antes o negou. «Deixa tua mulher e segue-me,» dizia elle.

....

«O casamento christão não se poderia fundamentar nem no culto (S. Math.. v, 5 a 12, e S. João, IV, 21), nem nos pastores e padres da egreja (S. Math., XXIII, 8 a 10) nem na christandade, nem nos Estados, nem nos tribunaes christãos.

E foi d'est'arte que sempre o comprehenderam os verdadeiros christãos das idades primitivas e das que se lhe seguiram.»

....

«O casamento christão nunca existiu nem tem razão de ser.»

....

II

«Apenas o velho acabára de sahir, entabolou-se uma conversação geral.

— Eis alli um patriarcha do Velho Testamento! disse o caixeiro.

— É um segundo Demostroy [1], disse a dama. Que selvagens ideias sobre a mulher e sobre o casamento!

---

[1] «Demostroy é um codigo matrimonial de Ivan, o Terrivel.»

— Estamos ainda muito atrazados nas ideias europêas sobre o casamento, disse o advogado. Primeiramente os direitos da mulher, depois o casamento livre, e por ultimo o divorcio, como questão ainda não resolvida...

— O essencial, o que não comprehendem ainda pessoas como esse velho, tornou a dama, é que unicamente o amôr consagra o casamento e que o verdadeiro casamento é consagrado pelo amôr.

O caixeiro escutava sorrindo, com desejo de reter na memoria o que ouvia, afim de tirar partido da interessante conversação que se ventilava.

— Mas que amôr é esse que é consagrado pelo casamento? perguntou subitamente a voz do sujeito nervoso e taciturno que sem que o houvessemos notado, se tinha aproximado de nós.

Estava de pé e visivelmente impressionado, pois notava-se-lhe o rosto vermelho, uma veia injectada na testa, e os musculos do rosto em convulsão.

— Sim, repetiu elle, que amôr é esse que é consagrado pelo casamento?

— Que amor? respondeu a dama. O amor que é commum a todos os esposos!

— E como é que um amôr commum póde consagrar o casamento? tornou o sujeito nervoso, sempre commovido e com ar acerbo.

Parecia que tinha intenção de dizer o quer que fosse desagradavel á dama, e ella presentindo-o, começou tambem a impressionar-se.

— Como? Mas muito simplesmente.

O sujeito nervoso agarrou-lhe na palavra.

— Muito simplesmente, não.

— Esta senhora quer dizer, veio em auxilio o advogado, que o casamento deve ser o resultado d'uma affeição, d'um amor, se assim o quizerem, e que se o amor existe, e n'este caso sómente, o casamento representa alguma coisa de sagrado. Que em todo o casamento que não fôr fundado n'uma affeição, sobre o amor, não ha nada de obrigatorio. Não é isto que se deve comprehender? perguntou elle á dama.

Esta fez um signal de cabeça, significando a sua approvação sobre a interpretação do seu pensamento.

— E depois... tornou o advogado, proseguindo no seu arrazoado.

Mas o sujeito nervoso, que a custo se contivera, não o deixou concluir, e perguntou:

— Sim, senhor, e o que é preciso entender por esse amor, que sómente consagra o casamento?

— O que é amor, disse a dama, toda a gente o sabe.

— Mas é que eu não sei, e gostaria de saber como o define.

— Como? É muito simples, respondeu ella.

E parecendo recolher-se um pouco, disse:

— O amor... o amor é uma preferencia exclusiva de um ou de uma a todos os outros...

— Uma preferencia? e por quanto tempo?... por um mez, por dois dias, ou por meia hora? perguntou com uma irritação particular o sujeito nervoso.

— Desculpe, mas o senhor não se refere evidentemente á mesma cousa.

— Sim, refiro-me absolutamente á mesma: da preferencia d'um ou d'uma a todos os outros... E pergunto: preferencia por quanto tempo?

— Por quanto tempo! por muito tempo, por toda a vida.

— Isso só nos romances é que se vê; na vida nunca! Na vida a preferencia d'um a todos os outros dura raras vezes alguns annos, muitas vezes alguns mezes, ou mesmo semanas, dias, ou horas...

— Oh! Senhor, isso não!... Não! Desculpe, dissemos todos tres a um tempo.

O proprio caixeiro murmurou um monosyllabo de reprovação.

— Sim, eu sei isso, disse o homem nervoso, elevando a voz mais alto que nós todos, fallam com o convencimento do que suppõem existir, e eu fallo conforme a realidade! Todo o homem experimenta o que os senhores chamam amor por cada bonita mulher que vê, e muito pouco pela sua propria. É por isso que se fez o proverbio que não mente: « a mulher alheia é um cisne branco, a nossa um absintho amargo. »

— Oh! mas o que o senhor diz é horrivel. Todavia existe na humanidade esse sentimento que se chama amor, e que dura, não mezes e annos, mas toda a vida.

— Não, não existe. Mesmo que admittissemos que Menelau tinha preferido Helena por toda a vida, Helena teria preferido Páris. Isto assim foi, e assim ha de ser eternamente. Nem podia ser d'outro modo, assim como não era possivel que n'uma carregação de grão

em que se tivessem mettido dois grãos marcados com um signal particular, se encontrassem depois um a par do outro. E demais, não é uma improbabilidade, mas uma certeza que a saciedade virá de Helena ou de Menelau; a differença está unicamente em que n'um chega mais cedo e no outro mais tarde. Nos tolos dos romances é que se escreve: «Elles amaram-se por toda a vida.» Só creanças é que tal poderão acreditar. Amar algum ou alguma toda a vida, é como se dissesse que uma véla póde arder eternamente.

— O senhor refere-se ao amor physico. Mas não admitte um amor fundado n'uma conformidade de ideal, n'uma affeição espiritual?

— E porque não? Mas em tal caso, não é necessario procrearem juntos (desculpe a minha brutalidade). Essa conformidade de ideal não tem logar entre gente velha, mas só entre pessoas novas e bonitas! disse elle, pondo-se a rir desagradavelmente. Sim, eu affirmo que o amor, o amor verdadeiro, não é consagrado pelo casamento, como nós estamos costumados a acreditar, antes pelo contrario o destroe.

— Permitta-me que lhe diga, observou o advogado, que os factos contradizem as suas asserções. Nós vêmos que o casamento existe, e que toda a humanidade, ou pelo menos a maior parte d'ella, leva vida conjugal, e que muitos esposos acabam honestamente, juntos, uma longa existencia.

O individuo nervoso sorriu maliciosamente.

— E que tal? O senhor diz que o casamento se funda no amor, e quando eu emitto uma duvida sobre

a existencia d'um outro amor além do amor sensual, quer provar-me a existencia do amor pelo casamento! Mas nos nossos dias o casamento não é mais que uma violencia e uma mentira.

— Perdão, tornou o advogado, o que eu disse foi que os casamentos existiam e existem.

— E como e porque existem? Existiram e existem para pessoas que viram e que vêem no casamento alguma coisa de sagrado, um sacramento que os prende perante Deus! Para esses, sim, o casamento existe, mas para nós, não pássa d'uma hypocrisia e d'uma violencia. Assim o sentimos, e, para nos desculparmos, prégamos o amor livre; no fundo porém, prégar o amor livre não passa (queira desculpar, disse elle á dama) d'um appello a voltarmos á promiscuidade primitiva e aos peccados antinaturaes. Está abalada a velha base, e é preciso construir outra nova, mas nunca prégar o deboche. [1]

---

[1] A *velha base* em que *o amor foi livre*, não posso vêr qual ella tenha sido.

Na *promiscuidade primitiva* que nos denuncia a Historia não vejo um unico traço que me affirme a liberdade do amor, porque em toda ella encontro a mulher escrava ou desigualada do homem. Para que o *amor livre* podesse *ter existido* teria sido preciso que os direitos sociaes do homem tivessem *sido já* iguaes aos direitos sociaes da mulher, e que *nunca* o interesse ou a necessidade material podesse ter sido incentivo ou causa da desmoralisação femenina. Ora nenhum d'esses factos se deu ainda, para

O homem tomava tão violento calôr na questão que todos o olhavamos calados e com espanto.

— E todavia a situação transitoria é terrivel. Reconhece-se que não se póde admittir o peccado á ventura. De qualquer maneira é preciso regular as relações dos sexos, mas não existe senão a antiga base, na qual ninguem acredita. Casam-se á moda antiga, sem acreditarem no que fazem; d'ahi provêm a mentira e a violencia. E quando é só mentira ainda se supporta facilmente; o marido e a mulher enganam sómente o mundo, passando por monogamos. Se na realidade elles são polygamos e polyandros é mau mas acceitavel; porém, quando, como tantas vezes succede, o

---

que possamos ajuizar conscienciosamente da vantagem ou desvantagem do *amor livre.*

Tolstoï confirma que « nos nossos dias o casamento não é mais que uma violencia e uma mentira. » — Porque? Porque « mesmo que admittissemos que Menelau tinha preferido Helena por toda a vida, Helena teria preferido Páris. »

É evidente, pois, que — impondo-nos a Natureza uma *lei fatal* de procreação e tambem a impossibilidade demonstrada de Helena e Menelau se preferirem exclusivamente durante toda a vida — é a propria natureza tambem quem nos insinua e preceitua o *amor livre.*

O que resta saber é em que condições sociaes poderá existir a *liberdade amorosa, sem deboches nem prevaricações*, e o que é certo é que essa liberdade se conservará uma utopia emquanto a mulher tiver de vergar a cabeça ás consequencias nefastas que lhe impõe a Familia.

marido e a mulher têm tomado como obrigação viverem juntos toda a vida (sem que elles mesmos saibam porque) e quando já, desde o segundo mez, tem o desejo de se separarem, não obstante viverem como casados, então chega essa existencia infernal em que já se fartaram em que se atiram tiros de revólver, em que se assassina e em que se envenena.

....

— « Vou pois contar-lhe toda a minha vida, toda a minha terrivel historia, terrivel, sim, e mais terrivel ainda que o desenlace.

....

« É verdade, o ciume é ainda um segredo do casamento, conhecido de todos e por todos escondido. Além da causa geral do odio mutuo dos esposos, resultante da cumplicidade na corrupção d'um ser humano, e outras causas ainda, o ciume é a fonte inexgotavel de grandes desgostos entre os esposos.

Mas, depois d'um tacito consentimento, resolvem occultal-o e occultam-n'o.

Dando-se fé d'esse sentimento, cada qual suppõe que é uma particularidade desgraçada e não um destino commum. Outro tanto se deu commigo e assim devia ser. »

....

« Oh que horrivel sentimento é o ciume! Eu não fallo n'esse ciume verdadeiro que tem fundamento (esse é torturante, sim, mas permitte um desfecho), refiro-me áquelle que infallivelmente acompanha todo

o casamento immoral e que, não tendo causa, nunca tem fim. Esse ciume é espantoso, espantoso, sim, é o termo.

Eil-o: um rapaz falla com minha mulher, olha-a sorrindo, e depois, segundo se me afigura, examina-lhe o corpo. Ousará elle pensar n'ella, e pensar na possibilidade de um romance com ella? E ella, vendo isso, poderá toleral-o? Parece-me que não só o tolera mas que até gosta. »

. . . .

« Oh! abominação! Oh! maléfico animal! E então elle, o que pensará elle? Ora! elle é como todos os mais, é o mesmo que eu era antes do meu casamento, regosija-se com isso, sorri até, olhando-me, como se me dissesse: « Que remedio? Chegou agora a minha vez! »

. . . .

« Minha mulher fazia outro tanto. Se eu tinha motivo para ser ciumento, ella, que conhecia o meu passado, ainda o tinha mil vezes maior, e atormentava-me mais cruelmente com os seus zelos. Os soffrimentos que com elles experimentava eram differentes, mas igualmente penosos. »

. . . .

« Na verdade, as creanças e o amor maternal são entre nós uma cousa desgraçada! Os filhos, para uma mulher da nossa sociedade não são um contentamento, um orgulho, nem o complemento da sua vocação: são o mêdo, a inquietação, um soffrimento interminavel,

um supplicio. As mulheres dizem-n'o, pensam d'este modo, e assim o sentem. »

....

— « Mas então, na sua opinião, o que se deve fazer para se tratar creanças como seres humanos? perguntei eu.

— Como! Amal-os na qualidade de homens.

— Ora bem! e as mulheres então não amam os filhos?

— Não os amam humanamente!... ou quasi nunca. Nem mesmo os amam como cães. Note o seguinte: a gallinha, o pato, a lôba ficarão sempre para a mulher ideaes inaccessiveis do amor animal.

É raro que uma mulher se lance com risco da sua existencia sobre um elephante para lhe arrancar o filho, ao passo que uma gallinha, um pardal não deixarão de se lançar sobre um cão, e sacrificar-se-hão inteiramente pelos seus filhos. »

....

« Com minha mulher assim succedeu. Que fosse um ou que fossem cinco filhos, manteve o sentimento do mesmo modo, ou antes foi um pouco melhor, quando houve os cinco. A vida era sempre envenenada com receios por causa dos filhos, não sómente em virtude das doenças reaes ou imaginarias, como pela sua simples presença. Pela minha parte, durante todo o tempo da vida conjugal, todos os meus interesses e toda a minha felicidade estiveram dependentes da saude dos meus filhos, da sua situação, dos seus estudos.

Incontestavelmente as creanças são uma coisa grave — mas todos devem viver, e a vida que os paes levam nos nossos tempos, não é viver. A vida regular não existe para elles: toda a vida de familia está suspensa por um cabello.»

....

«A vida de familia, regular, socegada, não existe.»

....

«É estar sempre na situação de marinheiros embarcados n'um navio que sossobra.»

....

«Tudo isto provém das nossas mulheres serem selvagens. Ellas não crêem em Deus; mas umas acreditam no mau olhado, e outras no medico que péde caro pelas visitas. Se ellas tivessem fé, saberiam que as escarlatinas, etc., não são tão terriveis; pois que não podem perturbar aquillo que o homem póde e deve amar: a alma. Só póde resultar o que nenhum de nós póde evitar, que é a doença e a morte. Sem fé em Deus, ellas só amam physicamente, e toda a sua energia se concentra em conservar a vida, que se não póde conservar, e que os medicos promettem salvar aos tolos e ás tolas.»

....

«Assim, pois, a convivencia das creanças não melhorava as nossas relações de mulher e marido, mas, pelo contrario, nos desunia. Tornaram-se um instrumento supplementar de questões e, quanto mais iam crescendo, mais se tornavam um elemento de lucta:

dir-se-hia que nos serviamos d'ellas como de armas de combate. »

....

« Áparte outros motivos, nós estavamos ainda separados por um mutuo desprezo; as nossas relações tornavam-se cada vez mais hostis, e tinhamos chegado a esse periodo, em que não sómente o dessentimento provoca a hostilidade, mas em que a hostilidade provoca o dessentimento. Fosse o que fosse que ella dissesse, eu já estava antecipadamente de opinião contraria, e a ella succedia outro tanto. No quarto anno do nosso casamento estava tacitamente entendido entre nós que communidade alguma intellectual nos era possivel, e nem mesmo tratavamos de a obter. Sobre os objectos mais simples cada um de nós conservava obstinadamente a sua opinião. »

....

« Naturalmente ella julgava sempre que a razão estava da sua parte, e eu, a meu vêr, comparando-me com ella, considerava-me um santo. Os periodos d'isso a que nós chamamos amor, tinham logar tantas vezes como d'antes. Eram comtudo mais brutaes, sem requintes nem graça ; eram curtos e seguidos geralmente de periodos de irritação sem causa, de irritação nutrida dos mais futeis pretextos. Tinhamos questões a proposito do café, do guardanapo, da carruagem, por causa do jogo de cartas, por futilidades emfim, que não podiam ter importancia alguma, nem para um nem para outro. »

....

« Não comprehendiamos que este amor, este odio, eram o mesmo sentimento animal sob duas faces oppostas. »

....

« Ella procurava esquecer-se com occupações ás vezes prematuras, que lhe absorvessem o espirito, como os arranjos da casa, da mobilia, do seu vestuario e do de seus filhos, da instrucção d'estes e da sua saude. Eram occupações não de immediata necessidade, mas que as preenchia, como se a sua existencia e a de seus filhos estivessem dependentes d'uma sangria desatada, como a de cuidar em suspender bem uma cortina, de encurtar um vestido, de fazer estudar bem uma lição ou de engulir um remedio. »

....

« Estou persuadido de que Charcot teria dito que minha mulher era hysterica, e eu um ser anormal, e quizesse mesmo tratar-me, ainda que em nós nada houvesse que tratar.

....

« Não é com Charcot nem com outros que estas cousas precisam ser tratadas. Nem a suggestão nem o bromo teriam sido efficazes para a nossa cura. O que era preciso era examinar a origem do mal, como um individuo que tendo-se assentado em cima de um prégo vê o que é irregular na sua vida e trata de o evitar; então suspender-se-ia o mal sem que fosse necessario abafal-o. O nosso provinha da irregularidade da vida que levavamos e tambem do meu ciume. »

....

«Assim viviamos n'uma perpetua cerração, em que não distinguiamos o nosso estado.

Eramos como dois forçados prezos á mesma grilheta, que se abominam, que envenenam a existencia e que procuram aturdir-se. Eu ignorava ainda que noventa e nove por cento dos casados vivem n'este inferno, não podendo ser d'outro modo. Pessoa alguma m'o disse, nem por mim proprio o sabia. As coincidencias que se dão na vida regular e mesmo irregular são surprehendentes.»

....

«Entretanto ella não podia deixar de sentir e de pensar d'esse modo, porque tinha sido educada na ideia de que no mundo ha só uma coisa digna de attenção: o amor. Com o casamento alguma coisa conhecera d'esse amor, mas muito longe do que havia julgado ter-lhe sido promettido e que ella esperava. Que de desillusões, que de soffrimentos e de torturas inesperadas por causa dos filhos! Essas turturas haviam-n'a extenuado; mas eis que, graças ao serviçal doutor, ficára sabendo que se póde passar sem conceber. Essa descoberta tornára-a radiante. Ensaiára e tinha resuscitado para o amor, a unica coisa que ella conhecia; mas o amor com um marido inquinado de ciume e de malignidade não era o seu ideal. Puzera-se a pensar em alguma outra ternura, pelo menos eu assim o julguei, e que espreitava em volta de si, como se esperasse alguem ou algum acontecimento. Notei isto, e não pude deixar de ficar desassocegado.»

....

« Appareceu o *homem.* »

. . . .

« Nos ultimos tempos as nossas desavenças tinham o quer que fosse de terrivel, e tanto mais espantosas, quanto eram seguidas d'uma paixão brutal, extremamente tensa; se não tivesse sido aquelle teria sido outro; se o pretexto não tivesse sido o ciume, eu teria encontrado qualquer outro. Insisto n'este ponto: todos os maridos que viverem no casamento como eu vivia, deverão, ou ser extravagantes, ou divorciar-se, ou suicidar-se, ou matar sua mulher, como eu matei a minha. Senão succeder o mesmo a qualquer homem casado, esse será uma excepção muito rara, porquanto, antes de acabar como eu acabei, estive algumas vezes á beira do suicidio, e minha mulher esteve muitas outras a ponto de se envenar. »

. . . .

« Eis em que circumstancias nós viviamos quando o *homem* appareceu. Elle era mau, não ha duvida, mas que! não era peor do que nós. »

. . . .

« Eu tinha o presentimento d'uma terrivel desgraça por causa d'este homem, e todavia não podia deixar de ser amavel para com elle. Apresentei-o a minha mulher; »

. . . .

« Mas quando ella lançou um olhar sobre mim, comprehendeu o meu sentimento e dissimulou a sua impressão. Começaram então a comedia e os enganos mutuos.

. . . .

« Elle ergueu-se para se retirar...»

....

« Recordo-me d'esse momento precisamente, porque eu podia não o ter convidado, e não convidando não teria succedido o que succedeu. Olhei para ambos: « Não imagines que eu possa ter ciumes de ti! » pensei eu, dirigindo-me a ella mentalmente. E convidei o outro para n'essa mesma noite trazer a sua rebeca e tocar com minha mulher. »

....

« — Depende de mim, pensava eu, arranjar as cousas de modo que não o torne mais a vêr; mas é que eu, *eu*, porventura o têmo? Não, não o têmo, isso seria muito humilhante. »

....

« Durante toda a noite, fingi, não sómente para com elles, mas para commigo, interessar-me tambem unicamente pela musica; no fundo estava constantemente torturado pelo ciume. »

....

« Uma das situações mais torturantes para os ciumentos (e na nossa vida social todos o são) vem a ser essas condições sociaes em que, sob diversos pretextos, é admittida uma grande e perigosa intimidade entre um homem e uma mulher. Se alguem quizesse impedir as aproximações n'um baile, a intimidade dos medicos junto das suas doentes, a familiaridade nas questões de arte, principalmente na musica, tornar-se-ia o escandalo de toda a gente. »

....

«Um marido não deve ter taes pensamentos, e principalmente não deve metter o nariz n'esses entretimentos, nem obstar a elles. E comtudo todos sabem que, graças precisamente a esses entretimentos, e sobretudo á musica, se origina um grande numero de adulterios na nossa sociedade.»

. . . .

«—Como era possivel que elle, uma especie de rebequista mercenario, conhecido como má firma, ousasse encarar minha mulher, uma senhora respeitavel, uma mãe de familia. Que inepcia!»—mas por outro lado: «E porque não havia de assim succeder? pensava. Porque? Então o sentimento simples e comprehensivel em nome do qual me casei, em nome do qual vivia com ella, e que era a unica cousa que ella queria, não é precisamente o mesmo que todos querem, e por consequencia o musico tambem?...»

. . . .

«O que era horrivel, era reconhecer-me com direito indiscutivel sobre o corpo de minha mulher, como se o seu corpo fosse todo meu. E ao mesmo tempo sentia que não podia possuir aquelle corpo, que não era meu, e que ella podia dispôr de si como lhe aprouvesse, bem como fazer d'elle o que eu não queria. Era emfim impotente contra elle e contra ella. *Elle,* como o Vanka da canção, cantaria antes de subir ao patibulo; como elle a beijaria nos seus doces labios, etc. e teria a superioridade mesmo diante da morte. *Ella* é ainda peor, porque, se não consummou ainda o acto, deseja-o. Estou intimamente convencido de que o quer

e deseja. Melhor fôra que ella já o tivesse consummado, porque sahiria das minhas incertezas.

Emfim eu não saberia dizer o que queria: desejava que ella não quizesse o que ella naturalmente *devia* querer. Era uma completa loucura!»

....

«Ella calou-se; as palpebras estavam cerradas, conhecendo-se que nem tinha forças para fallar. Depois o seu rosto disforme começou a tremer, a crispar-se, repelliu-me brandamente, dizendo-me:

—«Porque foi tudo isto?... porque?

—«Perdoa-me, disse eu.

—«Sim, se me não tivesses assassinado,» exclamou ella de subito.

E os seus olhos brilharam febrilmente.

—«Perdão! Isto não é nada... Comtanto que eu não morra! Ah! tu chegaste ao que querias. Odeio-te.

Depois começou a delirar. Ella tinha mêdo, gritava:

—«Fére, eu não têmo... mas fére-os a todos...

....

«Foi então sómente, quando lhe vi o rosto inanimado, que comprehendi tudo quanto eu tinha feito... Comprehendi que fôra eu quem havia feito d'ella, *d'ella que se movia,* d'ella que estava viva e palpitante, aquelle corpo immovel e gelado, e que meio algum existia para que eu podesse reparar aquelle estado!»

....

«Sim, se eu tivesse sabido o que sei hoje, por caso algum me teria casado com ella, jamais, jamais!»

Finalmente, Tolstoï escreveu a «Sonata de Kreutzer» para affirmar o seguinte:

«O fim do homem como o de toda a humanidade, é o bem-estar, e para o obter a humanidade tem uma lei que deve cumprir. Essa lei consiste na união dos seres...»

De accordo, e essa união ter-se-ha effectuado no dia em que a Familia fôr substituida pela Sociedade, e a Sociedade pela Humanidade. Ter-se-ha effectuado no dia em que a Patria Communal absorver o Lar, e o Mundo absorver a Patria.

N'esse dia a Humanidade terá entrado no cumprimento natural da sua missão sobre a terra e a União será um facto.

Phrase do dia: «Ah! esse casou rico—bem se importa elle agora de trabalhar!...»

28

—«Inculcaram-me para creada uma rapariga chegada ha pouco do hospital e ainda convalescente — como se me tornasse preciso admittir uma, acceitei-a.

No dia seguinte informaram-me que era uma prostituta matriculada no Porto, e que viera do hospital de S. Marcos, de Braga.

Despedi-a dando-lhe as razões. Ella acceitou a demissão respondendo: «Não é pelo que me dizem que me despedem, não! Isso haviam de ser coisas de minha mãe, que me não perdôa o tel-a visto na *cama* com meu irmão casado...»

—Anda cá, Burguez, vou fazer-te uma confidencia.

—Dize.

—Ha alli, em S. Pedro da Cova, um homem que tem minas e mineiros a trabalhar por sua conta.

—E então?

—Esse homem tem hoje uma fortuna immensa.

—Está bem.

—Quando algum dos seus trabalhadores se casa, é elle que lhes empresta o dinheiro preciso para a compra do terreno e levantamento do prédio em que vae viver.

—É um bom homem.

—Mas sob hypotheca das terras e predios a construir.

—É justo.

—Ora o salario que esse homem paga aos seus trabalhadores, mal lhes chega para comerem e para se vestirem—de maneira que os tem *alli, a todos, fechadinhos na mão*...

—E depois?

—Depois!... Isso veremos. Por emquanto ainda nada.

Phrase do dia: «Ora! Tudo se perdôa a uma mulher bonita!...»

29

Digo á semelhança de Tolstoï: Confrontem bem os ares que se davam de satisfação, de elegancia, de *verve*, e de boa creação, durante o tempo que se namoraram e seduziram, com os ares de aborrecimento, de desleixo, de estupidez, e de má-creação que se dão depois que se casaram.

Confrontaram?

Então digam-me agora de sua justiça.

Não finjas, hypocrita! Tu não desprezas nem repulsas a mulher bonita que se dá ou que se vende, senão quando suppões que alguem te vê.

Todos nós sentimos ás vezes um desejo ardente de brincar, de saltar, de rir, de sermos simples, francos e ingenuamente expansivos como eramos d'antes, em creanças. — «Mas que *ridiculos* não seriamos nós se fizessemos isso! Nós, *chefes de familia!* homens casados!...»

E deitamos ambas as mãos á cara para que nos não cáia a mascara mentirosa, falsa, hypocrita que todos nós trazemos.

Conta-me lá, Burguez: quando foi que tu sahiste, andáste, ou entraste com a tua familia em casa sem te sentires ou sem te teres sentido irritado?

Phrase do dia: «Embebeda-se para esquecer! Aquillo é um tormento em casa!...»

30

Em Portugal, segundo as mais modernas estatisticas officiaes, os nascimentos femeninos estão, para os masculinos, na proporção de $4 \frac{1}{2}$ por 1. Para que se realisem, pois, 100 casamentos terão de ficar solteiras 350 mulheres. Calculando, a bem, que, d'essas 350, 100 se conservem materialmente *honradas* até ao fim da vida, Ahi ficam 250 prostitutas mais ou menos encobertas ou descaradas. Sabido, porém, que toda a mulher que transpoz o periodo da puberdade, materialmente virgem, ou se converte n'uma virágo insupportavel ou n'uma beata prejudicial, nem por isso o numero das desgraçadas terá sido menor.

—Responde-me agora lá, oh! Farçante! A' custa de quantas prostituições e desventuras se faz a *honestidade* da tua Familia, e a *tranquillidade* do teu Lar?

Um homem a quem eu muito devo, quando queria dormir um pouco depois de jantar, gritava para o creado:

— «José! traz-me de lá *uma politica!*»

O José trazia-lhe um jornal qualquer, ao acaso, porque não sabia lêr, e prompto! 10 minutos depois o somno do bom do homem era profundissimo.

«—A mulher casada que não é parva, e que se reconhece mais ou menos requestada, usa *convenientemente* d'essa admiração ou desejo que presente nos outros para *segurar* o marido, provocando-lhe e conservando-lhe sempre uma pontinha de ciume.

E' que essa mulher sabe por deducções naturaes, experimentaes, ou intuitivas, que o desejo está na razão directa da difficuldade.

Quanta perversão moral representa porém este jogosinho *innocente* e *engraçado* de sentimentos intimos!...»

« —A mulher d'um meu contra-parente perseguiu-me *offerecendo-se-me*. *Honradamente* esquivei-me á porcalhice, segundo a convenção.

« — Dar-me-hei a outro! —ameaçou-me.

E tenho bem boas razões moraes para crêr no cumprimento da vingativa ameaça.

O mais engraçado, porém, não é isto: é que não

descançou emquanto não conseguiu que o marido me insultasse!...

— Que estás tu Ahi a rir-te de mim, oh! Palerma! Olha que estes casos que eu te conto como passados commigo, não são meus, *são nossos*.

E quando tu minudencias a *tua* mulher uma scena de deboche que te contaram, que lêste, ou que presenciaste!... Já reparaste na attenção com que ella te escuta, e na maior exaltação com que vos beijaes em seguida?

No emtanto *ella* disse-te: « Que nojo! »

E tu corroboraste: « Nojentissimo! »

E comtudo queres saber o que a vossa mutua exaltação sexual affirma? Simplesmente isto: o vosso desejo intimo de estardes no logar dos outros.

Que grandes e *virtuosissimos* farçantes! — Tu e Ella.

De X... e F..., n'um carro americano:

« Uma carta anonyma preveniu meu sogro de que eu tinha uma amante. O homem deu-se ares e interrogou-me de catadura descida.

Respondi-lhe:

« — Acceitei uma mulher que se me deu incondicionalmente. Essa mulher, pobre, ficou gravida e teve

um filho. O que quer que eu faça agora d'essas duas creaturas a quem dou de comer?

«—O que quero que o snr. faça? Essa é boa! Que as deixe e quanto antes!...

Separei-me d'elle e, pondo o caso n'outro, contei-o a 6 homens casados, 4 senhoras respeitaveis, e a duzia e meia, senão mais, de rapazes solteiros, e todos elles—todos á uma! me approvaram a conducta e chamaram burro a meu sogro.»

—Vês esse rio?

—Vejo.

—Tudo que fica para cá d'esse rio, *é nosso,* e tudo que fica para lá, *é d'elles.*

E de um lado e d'outro a terra a germinar por alli fóra o mesmo grão; e o céo a cobrir tudo aquillo, por igual, sem pontos de referencia; e o sol a aquecer os de cá e os de lá sem distincção de beneficios; e até o rio, esse mesmo, a fertilisar indistinctamente as duas margens, como a pedir que uns e outros lhe perdoem a missão desnatural que lhe impozeram!...

Natural, o ciume?...

Alli, em S. Cosme, ha annos, no proprio dia do seu casamento, estiveram os pais, o noivo, os padri-

nhos e os demais convidados, á espera que uma rapariga acabasse de *conversar* um dos seus admiradores para poderem seguir para a igreja. E querendo o pai d'ella, *acabar com aquillo* e chamal-a, foi o *noivo* que se oppoz, porque «seria uma desfeita que se faria ao outro!» (sic)

Indignidade?... Não; costumes.

Do «Primeiro de Janeiro» de hoje:

«A miseria é isto, é este drama pungente em que todos nos vêmos enlaçados, cheio de peripécias imprevistas, entretecido de illusões e desenganos. A miseria é o Destino. E é preciso acceital-o qual é, confrangidos, decerto, porque a natureza clama a gritos contra a ideia do aniquilamento, mas resignados.

Dobre-se o sentimento á boa razão, e continue a tragedia humana!»

N'um enterro catholico espaventoso:

«—Mas isto foi um patife e um virolento de marca X?...

«—Foi.

«—Fortuna feita á custa de tudo?...

«—Sim.

«—A propria mulher clamava: «Não me deixará Deus viver alguns annos sem este tormento!»?...

«—Clamava.

«— Então porque toda esta espaventosa consideração?

«— Porque foi rico e ajudou outros a sêl-o.

— Sim; mas Tu que te irritas com o que escrevo e transcrevo, sabes perfeitamente que não lês senão a verdade.

Se te molestas é porque suppões que eu me dei ao trabalho de te perscrutar a vida intima para a pôr em almoeda, quando o que é certo é que Tu não és tu só — são todos.

Phrase do dia: «Alcançado?!... Era dos livros! Só quem não visse o luxo em que elle trazia o raio da mulher!...»

31

Alguem hoje, ouvindo-me, protestou pessoalisando as minhas affirmações:

— «Não ha tal! Eu, aqui, junto da minha mulher, nunca procurei outra *nem precisei* d'isso. Quando estive fóra, longe, então sim, *é claro*...

— «E o que manda a hygiene e a boa razão que se faça senão *estar longe* durante os periodos reunidos da fecundação e da amamentação dos filhos? — Ou bêsta ou bigamo — escolha.

Ih! o que lá foi! que zerichia! quando eu affirmei que não era natural esse decantado *amôr paterno* que para Ahi apregoamos todos!

— «Não é natural?!... V. está doido!

— «Não, não é — confirmei.

— «Mas então porque traz V. constantemente comsigo essa miniatura photographica de seu filho?

— «Porque o adóro.

— «Ah! já vê!...

— «Já vejo o quê? Que me *habituei* a amal-o no convivio intimo que tenho tido com elle desde que nasceu? — E o que prova isso? Crê V. que eu não amaria por igual outra qualquer creança que tivesse vivido commigo enchendo-me de caricias e de evidentes testemunhos de preferencia? — Quer exemplos apregoados: veja o Silva Pinto e o *seu* Mario. Mas para que exemplificar uma coisa sabida!

Desengane-se: amor natural, intuitivo, genésico, não ha senão um, que é o amôr de Deus, determinado no sentimento de bem querer e de bem fazer a todos e a tudo. Tudo o mais são paixões ou vicios. Christo é o exemplo vivo d'esse amôr, d'esse sentimento unico. E o que fez elle? Não preteriu o *seu* lar e a *sua* familia pela grande familia humana? Em que factos historicos da vida de Jesus se evidenciam os seus amores filial e fraterno? Em nenhum. E se perscrutarmos bem, vamos até notar-lhe preferencias individuaes, testemunhadas, por João, *seu discipulo bem amado*, em detrimento de Thiago, *irmão do Senhor*.

Tambem me disseram:

— «N'esse caso o *solteirão,* esse homem que por Ahi vive aproveitando todas sem viver com nenhuma, é o typo perfeito do seu hypothetico meio social?

— «Perfeito não, se é debochado por officio e se deixa atraz de si desgraças que não repára, visto as consequencias do meio social em que se encontra. Em todo o caso muito mais perfeito do que o meu Tu, que por Ahi vae hypocritamente accumulando as duas funcções—as de solteirão e casado. O outro tem, pelo menos, a virtude de não ser incoherente, hypocrita e mentiroso.

—Se a adultera te entra em casa acompanhada pelo proprio marido, Tu recebel-a risonhamente, palacianamente, no meio da tua familia, enchel-a de cuidados, de attenções, e... e até de attenções refinadas se ella fôr bonita e generosa; mas se essa mesma adultera te bater á porta sem o amparo moral de Menelau, Tu pedes a tua mulher que lhe mande dizer que sahiste, e... e á noite vaes a casa d'ella apresentar-lhe as tuas desculpas e os teus *profundissimos* respeitos.

Disseram-me em ar de refutação:

« —A Idade Historica da Humanidade está ainda na sua mais rudimentar infancia, se a compararmos,

em longevidade, com as Idades Prehistoricas do Mundo. Todos os defeitos, pois, da nossa organisação social não podem ou não devem ser tomados senão como consequencias fataes e transitorias do periodo que atravessamos, subordinado ao nosso progressivo desenvolvimento intellectual.

Dentro de nós, o Ideal existe porque o nosso espirito nol-o affirma na tendencia intuitiva com que instantemente luctamos por um futuro melhor. Mas se o nosso espirito n'ol-o affirma, o nosso cerebro, ainda em plena e rudimentar infancia, é que não póde fazer mais do que ir indo por tentativas determinando a sua existencia esthetica. O campo abrangido até hoje pelo raio visual do nosso espirito, deixe-me assim dizer, é já campo vastissimo e exuberantemente illuminado, mas tão nubloso ainda, tão distante, que nem sequer lhe definimos por emquanto a claridade e o tamanho.

Partindo d'este principio, V. tem de subordinar as suas proprias aspirações de perfectibilidade á convicção intima do seu e do nosso atrazo intellectual — isto é: V. tem de julgar o que suppõe defeitos sociaes sob o ponto de vista possivel de naturaes e portanto progressivas consequencias da nossa continua, embora lenta, evolução para melhor.

« — Pois sim — disse eu.

E continuo a escrever.

'Phrase do dia: «Corneava-o, matou-a — fez elle muito bem!...»

Agosto — 1

De Leon Tolstoï — n'*A Folha do Norte:* «O que vem a ser afinal de contas o patriotismo? É a expressão mais crua do orgulho nacional. Dizer-se alguem patriota é pretender isto: «O meu paiz vale mais do que todos os outros.» É, portanto, carecer de modestia senão de sinceridade. É em nome d'esse sentimento artificial e condemnavel que se perpetuam as mais revoltantes atrocidades. Foi em nome do patriotismo que os nossos e os francezes se bateram entre si. De resto, esse sentimento não provoca apenas a guerra, é em seu nome que os russos estrangulam os polacos, e que os allemães estrangulam os slavos; foi em seu nome que os communistas chacinaram os versalhezes, e estes os communistas.

Ora, a quem aproveita esse patriotismo? Aproveita áquelles que o fizeram nascer artificialmente no coração do povo, ás classes dirigentes e aos governos. Não digo que esses homens que enganam o povo estejam animados de intenções perfidas: a maior parte das vezes procedem de boa-fé, mas as paixões cegam-os e a multidão applaude-os, unicamente porque não comprehende o movel das suas acções.

O remedio a todos estes males? Não é preciso ir longe para o achar: encontra-se na moral de Christo. O preceito «amae-vos uns aos outros!» contém-n'o todo inteiro. Unicamente para nos conformarmos a esse

preceito divino, é preciso antes de tudo penetrarmo-nos da verdade e quebrar todos os laços com a mentira social que se chama a *opinião publica*. É preciso escutar a voz da consciencia e do coração, sem darmos importancia ao que os poderosos e os sabios dizem em volta de nós. Cada homem deve achar em si proprio não só a fonte da sua salvação, mas a condição de felicidade, segundo o Christo.»

Phrase do dia: «Isso foi tempo! Agora tenho mulher e filhos...»

2

D'*A Voz Publica* d'hoje — Leiam e vejam como tudo isso é naturalmente escripto. O gripho é meu:

«José Antonio de Souza, o *Reineta*,...

....

«É casado, mas por *desgostos intimos abandonou a mulher* que não primava pela correcção no cumprimento dos seus deveres,......................

....

«*Homem honrado*, pois, como o demonstra este deploravel episodio da sua vida,..................

....

«Atraiçoado na affeição que votára áquella a quem déra o seu nome, *procurára na mancebia* o auxilio para

o labor e o conforto para as horas atribuladas que a fatalidade do seu destino *lhe negára n'uma união legal.*

« Mas não via com bons olhos *essa ligação illicita* o parocho da sua freguezia, *que talvez não fosse tão severo nem tão moralista para com todos aquelles que, do seu conhecimento, em egualdade de situação viviam,* e, d'ahi, o querer obrigal-o a separar-se da companheira que o infortunio o impellira a procurar,...

« O *Reineta* recusou-se. A *sua consciencia de homem livre* não podia admittir tal imposição. *O peccado de que aquelle ministro da Egreja o accusava e queria punir; teve, em todos os tempos, e hoje ainda em todas as sociedades, nas mais cultas como nas mais inferiores, exemplos aos milhares, eguaes uns e cem vezes mais escandalosos outros.*

. . . .

«*Quem haverá ahi que por tal o condemne? Quem? Quem haverá ahi, de tão intransigente moralidade de costumes, de tão escrupulosa observancia nos preceitos civicos que se atreva a arremessar-lhe a primeira pedra?* »

Phrase do dia: «Os filhos mataram-n'o com desgostos.»

3

De Arsène Houssaye:

«Eu amava Gastão-Martial com todas as ingenuidades, todas as asneiras, toda a violencia e toda a frescura de um primeiro amôr, composto de sensações novas, de desejos mal defenidos e de uma immensa curiosidade. Havia tambem em tudo isto um vago pensamento antecipado de liberdade, de vida leviana e encantadora com *toilettes* mirabolantes e um bonito *coupé* puxado por um cavallo inglez.»

Não sei se repararam: *um primeiro amôr, composto de sensações novas, de desejos mal defenidos e d'uma immensa curiosidade... um vago pensamento antecipado de liberdade, de vida leviana, toilettes mirabolantes, coupé, cavallo inglez...*

Agora isto:

«Pois bem! não cahi nos braços do meu querido Gastão de Foix. Achava que era virtuosa fazendo uma frente corajosa ao meu amôr e ao meu apaixonado. Mas um dia em que não tive tempo de reflectir, succumbi estupidamente como se o acaso se tivesse apoderado de mim.—Que digo eu, o acaso! foi o orgulho. O orgulho perde mais mulheres que o proprio amôr.»

Leram? *O amôr e o orgulho perdendo mulheres!...*

Parelha de burros a puxar uma besta!

O AMOR A PERDER!...

Romance? Pois seja romance, mas com a condição de ser tambem um estudo psychologico.

Já o disse e repito-o: eu não escolho a leitura — as minhas transcripções sáem do que vou lendo casualmente, nas minhas horas vagas. Escolher, para quê? se não ha Ahi um só livro de psychologia antigo ou moderno que me não dê aso a transcripções identicas? Se não ha Ahi dialogo de confidencias intimas, ou de intimos desabafos, que me não dê margem a deducções semelhantes?

Aonde estará o homem que tenha permutado com *sua* mulher a virgindade do seu corpo?

Um tal padre Joaquim, blasphemava hontem no «Café Suísso»:

« — Levanto-me ás 5 da manhã e trabalho até ás 11 da noite; e cômo bem, durmo bem, e ha muitos annos que não sei o que é estar doente. A que vem pois o pedido, a exigencia do operariado para que lhe estabeleçam 8 horas de trabalho?!...

E não teve quem lhe repondesse:

— Para que elle, o operariado, tenha tempo de aprender a conhecer o intuito com que o senhor lhe contesta o direito de descanço.

Mas hontem foi um dia de padres: um eminente *representante* d'aquelle grande e humilde pobre socialista de Nazareth, atravessou ruas da cidade com todo o deslumbrante e aurifero estadão da sua guarda pretoriana.

Os pôdres e os padres surgiram como cogumelos.

Na rua do Loureiro, um, apertado pelo povo que transitava a vêr as illuminações, fincou-se, parou, e clamou (textual):

«— Quem me empurrar leva uma bofetada! Dou-lhe mesmo na cara uma bofetada!... Eu sou um cidadão como qualquer outro, e não admitto que me faltem ao respeito!»

E todos acharam que sim — que elle «era um cidadão como qualquer outro,» e que *estava no seu direito*, porque ninguem lhe pediu contas nem da sua insolente ameaça, nem do seu direito, por concurso de beneficios, á communidade geral.

Em confidencias intimas, um amigo meu disse-me:

«E porque não hão de estas duas mulheres que me estimam tanto, estimarem-se mutuamente, ou, pelo menos, acceitarem-se de maneira que me não turture só a ideia de as vêr dilacerarem-se, caso se encontrem uma em frente da outra? — E crês tu que menos me deve importar o soffrimento d'esta do que d'aquella?

Que ha de haver no meu coração uma preferencia? Não ha, juro-te. O que eu sinto, isso sim, é uma commiseração maior pela que engano. »

Phrase do dia: «Quanta ostentação n'essa miseria!»

4

Do livro de impressões e fantasias *Terra dolorosa*, de Oliveira Gomes:

. . . .

«A gente cria affeição aos amigos que são de sempre e nos consolam e nos soccorrem... Ah! minh'Amada, porque se não ama sempre?... Porque me parecem hoje inimigos os teus carinhos, hostis como gumes de punhaes os teus olhares?... Porque nunca ficam velhos os bons amigos, porque nunca nos aborrecem os seus cuidados e teem sempre o mesmo metal de voz, carinhoso e macio, ou seja quando com o seu riso nos infiltram n'alma uma alegria, ou seja quando nos censuram uma tristeza, uma preoccupação?...

«Na tua voz já tenho colhido agonias e ouvido dobres funereos de tristezas! Ah! antes fosses, Alma amorosa, em vez de a minh'Amada, a minha triste Enfermeira ou Monja, recolhida e santa, que pelos altos da noite se lembrasse de mim e se puzesse a rezar, a rezar pelo meu descanço eterno e eu fosse morto, repasto de vermes, em vez de ser o teu turturado amante!...

. . . .

«Oh! a tua belleza que já não tem attractivos e me enfastia, como a odeio!... como a odeio!... Por vezes vem-me uma grande vontade de fugir, d'abandonar-te, d'arrancar-te dos meus olhos, do meu coração e da minh'alma, como se tirasse d'uma chaga um espinho ou uma faca!... E fico ainda covarde como uma creança, sem acção, sem vontade, sem consciencia, tremulo e frio, batido e derrubado.

«São os teus risos que me caem n'alma como flocos de neve vestindo-a de insensibilidade; é a tua voz como uma elegia negra que plange e punge, tudo isso a dar-me a morte, uma morte que não m'aniquilla; que me tortura; que me faz chorar se acaso rio; que me faz gemer se por ventura canto; que me faz soffrer se por tua graça ainda goso; uma morte que se diverte em derramar fel onde ha doçuras; em atravessar um estylete em cada riso e em atirar pedras a cada olhar, para o cegar... para o cegar!...

....

«Só tu comprehendes o Amôr, oh! repudiada e querida flôr do Carinho! Esses que nos teus braços vão sonhar amaram um dia com egoismo, com zêlo e desconfiança e amargurados, entediados, alanceados, correram da sua illusão para a grinalda d'affagos dos teus braços. E os corações enregelados aqueceram no teu seio, sempre amoroso, sempre tépido como um ninho feito de pennas. Só tu sabes deitar nas almas doloridas o balsamo das paixões satisfeitas, embalando-as e adormecendo-as no doce trinar da tua voz e dos teus beijos.»

Phrase do dia: «Trabalhava dia e noite para sustentar os seus...»

5

Entrei e ando n'um periodo agudo de nevrose. Vejo coisas extraordinarias, que me assombram, ao mesmo tempo que me esclarecem, como se de repente eu tivesse passado d'uma escuridão completa para um fóco de luz intensa e deslumbrante. E, desde que tal me acontece, eu sinto uma commiseração immensa, um condoímento illimitado por todos—todos!—que se vão crusando commigo por Ahi, no caminho da Vida.

Acodem-me desejos vehementes de principiar a dizer alto o que sinto e o que vejo, quasi certo de que daria um poderoso linitivo a todos os soffrimentos. Porque é sempre um linitivo determinar a causa que nos fére e o balsamo que remedeia.

«Meus irmãos—exclamaria eu—attendei um pouco! Leio-vos nos rostos a magua que vos opprime. Ouvi bem o que vos digo e vereis, e sentireis como essa magua se vos dilue em Amôr.—Não vos olheis assim, uns para os outros a duvidar de qual de entre vós será aquelle a quem mais directamente me refiro.—Eu fallo a todos, porque não ha, por certo, Ahi, em todos vós, um unico que não soffra e que se considere feliz.—E sabeis vós qual o principal motivo da vossa infelicidade, dos vossos soffrimentos, como das vossas maguas? É esse—esse que vos desune—essa

desconfiança, esse desamôr com que vos desconheceis e com que vos arreceais de mutuas e imminentes agressões. Pois «em verdade vos digo» que sois todos irmãos — filhos todos da mesma força geradora que vos determina a vida e as evoluções fataes da vossa natureza. Olhae-vos bem e reconhecer-vos-heis. E se vos reconhecerdes, vereis e sentireis que extraordinario Amôr vos unirá para sempre, porque só então conhecereis o verdadeiro Amôr.

Sabeis vós o que é o verdadeiro Amôr?

Eu vol-o digo: E' esse sentimento innato de compaixão e de commiseração com que olhaes para todos os soffrimentos *alheios* — desde a arvore esgalhada ou derrubada no chão, até ao grito lancinante do vosso maior inimigo. E' esse sentimento extraordinario de confraternidade que vos liga a tudo quanto vive. E sabeis por quê? Porque a Dôr e o Amôr são as determinantes fataes, genésicas, indestructiveis, da Vida Universal. A Vida Universal é um todo — e assim como quando vos dóe um cabello o vosso organismo se recente, assim nenhum de nós poderá deixar de sentir o soffrimento *alheio*, pois que elle não é mais do que o nosso proprio soffrimento.

Esse sentimento reflexivo, essencial, é que é o verdadeiro Amôr, porque afinal a Dôr não é mais do que o crisol em que o Amôr se depura até chegar a Deus — ou antes: o Amôr é a Dôr diluida em lagrimas de resignação.

Apurae vós esse sentimento quanto vos seja possivel — dae-vos a elle incondicionalmente — e Ahi vos

encontrareis *a amar-vos uns aos outros como a vós mesmos, e a Deus sobre todas as coisas*, porque não haverá então dôr que vos não seja commum, e por tão propria a tomareis que a vossa propria se diluirá em abnegação ou abstracção divina.

Attentae bem no que vos digo — comparae toda a grandiosidade do Amôr de que vos fallo com toda a série de *amôres* individuaes, restrictos, egoistas, viciosos, que vos absorvem a existencia, subdividindo-vos, armando-vos e guerreando-vos em defeza dos vossos exclusivos — e tereis comprehendido que tudo isso a que chamaes amôr, o não é nem póde ser, pois que se o Amôr é a União dos seres, não póde ser a desunião que os exclusivismos fatalmente determinam.

Meus irmãos, amae-vos — isto é: uni-vos. Sois os representantes de um milhar de familias? Sêde antes os membros de uma familia unica. Ajuntae-vos todos, ajuntando os vossos haveres, as vossas propriedades e o producto de vosso trabalho, e vereis como se vos acabam as miserias, as vicissitudes, os odios, as invejas, as mais dolorosas amarguras da vossa existencia.

Sêde simples, que sereis bons — sêde naturaes, que sereis felizes tanto quanto se póde ser n'este mundo.

Homens: «deixae as vossas mulheres e segui-me» — mulheres: «deixae os vossos homens e vinde commigo.» «Abstende-vos, se podeis», se não podeis «deixae vir para mim tambem as creancinhas». Rodeae-me todos, sem exclusivos nem paixões que vos dominem — sem outro sentimento que não seja o de bem

querer e de bem fazer a todos. Dae-me o que trazeis e o que produzirdes para que eu o divida igualmente por todos, e vereis que tanto basta para que todos vivam fartos e agasalhados.

«Não olheis a mulher com luxuria», como se ella fosse um motivo de gozo que se compra, mas olhae-a como se ella fosse o que naturalmente vos é — vossa irmã.

«Não queiraes para os outros o que não quizerdes para vós», e, assim, não queiraes para os vossos filhos benesses ou privilegios, porque não ha um *bem maior* que não importe a ideia de um *bem menor*. Deixae que todas as creanças se unam sob o mesmo tecto, em torno da mesma meza, para que unidas cresçam e unidas vivam depois sem previlegios nem exclusivos que lhe corrompam o verdadeiro amôr, e vereis como ellas effectuarão a União, «amando-se umas ás outras como a si mesmo.»

E quando as creanças d'hoje forem os homens de ámanhã — quando assim nos amarmos todos — crêde — oh! crêde! — que Deus estará comnosco ou perto de nós, porque sendo Deus a Perfectibilidade, e tendo nós realisado a União possivel, teremos cumprido a lei e attingido portanto a perfeição exequivel.

Meus irmãos, uni-vos!

Meus irmãos, amae-vos!

Phrase do dia: «Casou-se, matou-se...»

6

O *Diario da Tarde*, fornece-me estes dois bocadinhos:

Na correspondencia da Foz:

« Já cá temos aquella deliciosa mulher... que no anno passado, toda a gente o sabe, fez andar sem sapatos... um conhecidissimo director de certa companhia. A gentilissima mundana exigira do seu adorador, como prova de sacrificio amoroso, um passeio em palmilhas pelo saibro das ruas... No fim de contas, um homem desce a tudo por causa d'Ellas! Acho-a este anno ainda mais bonita, se isso é possivel... Parece que o marido se associa a estas pirraças. »

Fim de seculo, pelo Snr. Conselheiro Julio Lourenço Pinto:

« A Moral civica afunda-se na onda crescente da corrupção triumphante.

« A lucta pela vida, cada vez mais encarniçada, intensiva, implacavel, na ardencia febrilmente exigente de uma civilisação requintada e complexa, precipita a degeneração dos costumes publicos, avassallando o parlamentarismo no seu contagio irresistivel.

....

« A podridão moral supplanta até os precedentes do periodo de civilisação romana na sua decadencia:

o arbitrio e os previlegios, os excessos de capitalismo attingem o mesmo imperio triumphante pelo sophisma, pelo ardil, pelas habilidades capciosas; a lei é impotente para manter na sua applicação a egualdade para todos; o pobre é ainda o eterno tutellado, o ignorante sempre ludibriado na mystificação de uma soberania irrisoria.»

Quanto mais me debruço tanto mais fundo vejo n'esta desnaturalissima choldra que se chama a *nossa sociedade:*

Verdadeiro, logico, sincero, coherente, puro, não vejo nada — absolutamente nada! que não seja a intuição latente do Bem!

De resto, todos nos conhecemos e todos nos queremos enganar. A nossa vida é, desde a idade da razão até ao seu derradeiro momento, tudo quanto ha de mais falso, ou de mais hypocrita, ou de mais repugnante.

«Deus, Patria, Familia e Rei», eis o vicioso e decantado quadrante que vos absorve a existencia.

Um Deus em que ninguem crê;
Uma Patria que ninguem ama;
Uma Familia que ninguem respeita;
Um rei de que todos se riem!

Phrase do dia: «Os diabos me levem e mais ao dia em que casei comtigo!...»

7

Um amigo meu contou-me estas duas:

— «V. desvirginisa uma menor (que essa menor tenha 12, 15 ou 18 annos pouco importa — o crime é sempre o mesmo). Provado o facto, V. vae preso, é julgado, e apanha 8 annos de degredo. Acontece, porém, que um *policia* encontra, ahi de noite, ao *fanico*, uma rapariga de 12, 13 ou 15 annos (como andam muitas, sob ordens e conselhos até dos proprios paes, que lhe exploram a miseria, como eu já lhe conto um facto). Que faz o *policia?* Prende a rapariga e leva-a para a esquadra, não é verdade? e o que faz a auctoridade? Manda-a *matricular* e sancciona-lhe a prostituição!

«Que me diz V. d'esta lei?»

E depois contou a outra:

— «Andava por ahi, á noite, pelas ruas, uma pequena de 13 ou de 14 annos. Esta pequena pedia-nos esmola e, se lh'a recusavamos, *offerecia-se-nos* abaixando a vós convenientemente.

«Mas que sabes tu d'isso?» — perguntavam-lhe os admirados da sua precoce desmoralisação — E ella respondia logo, á letra, minudenciando nomes e factos que lhe garantissem a certeza da sua *completa* devassidão. Alguns a quem *isso* de possuir uma creança se lhes tornava tentador apiritivo, acceitavam-n'a e levavam-n'a comsigo... para suas casas, para um escriptorio, para um portal, para qualquer parte.

Mas essa pequena *tinha um pae*—um pae que a espionava de longe, mettido na sombra, confundido com os demais transeuntes—um pae que a adestrára, que a seguia, que a deixava entrar ou desapparecer para onde a levavam, e que ficava parado, alli a pouca distancia, calculando o tempo necessario para a consummação de um coito.

« Então esse pae caminhava resolutamente direito á porta ou canto em que a filha desapparecera, e batia ou surgia diante do *seductor de uma menor*, clamando, bracejando a *sua desgraça, a sua vergonha, a sua deshonra*, ameaçando um escandalo imminente, a vós rouca alteando-se gradualmente, aclarando-se na directriz de um grito lancinante de misericordia e de justiça!...

« E o *seductor, esse monstro!* vendo a espada de Democles sobre a sua cabeça, offerecia tudo, dava tudo, para que o homemsinho se calasse e o deixasse em paz e socego!...

«Ora aqui tem V.—concluiu o meu amigo—E como estas, muitas. Quantas quizer—É só pedir por bocca.»

— Calcúlo — respondi eu.

« —Mas para que me conta V. estes casos de tão revoltante desmoralisação? O que prova com elles? Resolva o problema, ande!

— Resolvo, eil-o:

Acceitação + Propensão + Espontaneidade = Naturalidade
Depravação + Prostituição + Desmoralisação = Familia

Depois de ter lido o «romance contemporaneo, PARISIENSES!..., de H. Davenel, traducção de Olympio Monteiro, eu escrevi a lapis na sua ultima pagina:

«Se isto é um romance de costumes contemporaneos, não ha então em Paris *uma unica mulher honrada!* Qual o beneficio moral, pois, de semelhante livro, que não seja o de nos provar que não ha na Familia senão os elementos de uma discordia e de uma desmoralisação continuas?»

Leiam-n'o e respondam-me.

Do *Diario da Tarde* d'hoje:

.... Fugir por ahi além, para um paiz á beira d'agua, e viver entre arvores e pedras! olhando de longe a humanidade com todos os seus odios capazes de ennodoarem a mais immaculada alvura, as suas miserias e as suas luctas, seria bem doce, n'estes tempos d'egoismo e de abatimento que vão correndo. Ah! como eu tenho horror á onda de povo que enche essas praças aos domingos, trazendo para a luz todos os seus ridiculos e toda a sua podri-

dão! O contacto com a multidão suja. É preciso fugir, viver longe, muito longe.

A convivencia com a natureza purifica a alma, dá saude e serenidade para estes dois dias de vida amargurados que a humanidade allucinada vae soffrendo, com marés tragicas de revolta e de fél. E nada existe que possa adoçar um pouco mais esta penosa tragedia. Até o amor se torna um elemento de desordem social e de desordem individual, em vez de sêr o regulador essencial da sociedade e o motivo da felicidade dos povos. Se muitas mulheres têm um ideal amoroso, esse ideal é afastado, longiquo, um ideal que não póde existir senão como a *execravel loucura* em que falla Musset...

....

O verão traz, com os seus calores, o horror á poeira dos asphaltos, ao fumo das fabricas, á monotonia de toda a cidade. Felizes d'aquelles que podem abalar para o socego do campo, vagamente perfumado com um errante aroma de fructa madura, cheirando ao verde das veigas saudaveis, com fios de agua que vão cantando e correndo entre renques d'arvores melancholicas! Eu tenho uma adoração extraordinaria por essas arvores que vivem impassiveis sob ceus tranquillos e azues ou sob tempestades temerosas e colericas. Quem me déra essa serenidade invejavel, para todas as miserias da vida humana!

....

Vim descendo sempre. Um extranho terror tinha-se apossado de todo o meu ser. De noite, a multidão

dos desherdados sae para a rua cheia d'odios contra os outros e tem um modo tão extranho de nos olhar, que nos gela de pavor até ao fundo da consciencia.

....

Como tudo isto era cheio de dôr! Quem me déra longe da miseria humana!

Phrase do dia: «A carga da Familia...»

— «Mas o destino é esse, o que quer V. que se lhe faça? — contestaram-me.

— Não! — respondi — O destino do homem não póde ser o do soffrimento moral continuo. A tortura do espirito não é nem póde ser um irremediavel. Se assim fosse, Deus teria feito uma exclusão em detrimento do homem, que não fez em detrimento de nenhum outro animal ou cousa. O homem seria, em tal caso, uma excepção a quanto vive, vegeta e gravita, ó que é incoherente pensar-se. Que o soffrimento material seja um destino, uma lei, um irrevogavel, de accordo, mas que o seja tambem o soffrimento moral, isso não é nem póde ser.

— «E suppõe V. a familia, a base fundamental d'esse soffrimento?

— Não o supponho só, affirmo-o com toda a minha convicção. A familia criou todas as necessidades como criou todos os vicios; d'estes e d'aquellas nas-

ceram todas as difficuldades e todos os egoismos. Onde ha um lar ha um ninho de prevaricações, ou sejam conscientes ou inconscientes.

— «Segundo a sua opinião, não ha, pois, uma unica familia conformada e satisfeita?

— *Conformada*, sim, creio que haja — mas quem se conforma sujeita-se; a que? a qualquer contrariedade — logo ahi temos o soffrimento moral latente e incontestavel. *Satisfeita*, não, por que não póde haver satisfação onde ha conformidade. Uma coisa exclue outra.

— «Satisfação relativa, queria eu dizer...

— Diga então propriamente: *conformidade, paciencia, resignação, sujeição...*

— «Mas isso é nada menos do que negar em absoluto a felicidade do amor!...

— De qual amor?

— «Do amor! — Da união amorosa de dois seres que se juntam e que se reproduzem. Que se dão as mãos e que vão juntos e felizes pela existencia fóra!...

— Deixe-se de platonismos. Se lhe apraz fazer romance fallemos então d'outra coisa.

— «Romance! Pois V. nega a existencia de casaes que se tenham amado sempre?

— Não confundamos, se não queremos estar aqui eternamente sem jámais nos chegarmos a comprehender. O Amor, o verdadeiro Amor, não póde deixar de ser um sentimento que nos determine a paz, a tranquillidade, e a satisfação do nosso espirito. Assim, o Amor, tem de ser fatalmente um Bem, ou deixa de

ser Amor. Ora todo e qualquer sentimento que determine um exclusivo, deixa de ser um bem, pois que não póde haver exclusivo sem preferencia e preferencia sem detrimento. — V. dá impropriamente o nome de amor áquillo que o não é.

— «Qual o nome então que deve dar-se ao sentimento que une e reune dois sexos differentes?

— Aquelle que se lhe dá e tem dado sempre — *paixão*.

— «Mas, paixão, importa a ideia de um estado violento e doentio, mais material do que espiritual...

— Importa.

— «Como quer V., pois, que d'esse estado transitorio e anormal sáia um sentimento que determine a união duradoira?

— Pode saír um unico — a estima, e é esse justamente que nos exemplifica os taes casos excepcionaes a que V. se refere.

— «D'essa fórma, é sua convicção que não ha Amor no casamento?

— É.

— «Ha de concordar que avança uma proposição arrojadissima?...

— Dê-lhe o nome que quizer. Avanço.

— «Não o levará a tanto algum desgosto proprio, seu, restricto? Não será V. induzido pela injustiça de aquilatar os outros por si?

— Permittir-lhe-hei a liberdade *de o pensar*, se me disser onde existe o primeiro lar, o primeiro casal, a primeira familia que não sôlte uma queixa —

que se considere feliz — que não queira nem mais nem menos do que o que tem — que não inveje a sorte d'este ou d'aquelle — que não chore estas ou aquellas lagrimas — que não tenha de lançar mão da conformidade ou da paciencia para levar a vida... para *arrastar* a vida. Desengane-se, não encontra uma só.

— «E em qual estado social suppõe V. a possibilidade de encontrar quem se não accuse de qualquer d'esses soffrimentos?

— N'aquelle que tiver irmanado, igualado os direitos da humanidade — n'aquelle que se fundar sobre a distribuição igual do producto do trabalho de todos.

— «Sonho irrealisavel! Como quer V. que a humanidade deixe de ter egoismos, invejas, ambições...

—Simplicissimamente: eliminando a Familia. Césse a causa e cessará o effeito. Por quem somos nós egoistas, invejosos e ambiciosos senão pela Familia? E já viu V. alguma vez que taes sentimentos os tenhamos manifestado contra nós mesmos? Não, porque não póde ser, não é verdade? — Elimine, pois, o interesse individual pela impossibilidade material da accumulação, e a ambição e o egoismo terão desapparecido. Iguale os direitos da humanidade e a inveja desapparecerá tambem, ou ficará reduzida a manifestações doentias, por evidentes defeitos de organisação physica, merecedores de commiseração e de puro tratamento hospitalar.

— «!...

— Homem de Deus! escute e pense no que lhe digo: O casamento só é determinado pela paixão, ou

pelo calculo — por um estado doentio, ou por um estado de perversão. No primeiro caso, sendo a paixão uma anormalidade, uma violencia obsecante e transitoria, ella desapparecerá pela continuidade e incontestabilidade da posse. O periodo da sua duração póde ser mais ou menos longo; isso depende do caracter, feitio e organisação de cada um. Raro se prolonga nos dois que se casam com igual intensidade e longevidade —mas se se prolonga, se esse caso raro se realisa, póde então dar-se o phenomeno seguinte: lentamente, inconscientemente, a *paixão* vae pelo habito fóra até chegar á *estima*. — O egoismo violento vae-se a pouco e pouco attenuando, até chegar ao egoismo normalisado. Este será o termo mais doirado e mais exemplar do casamento. Mas se a paixão se extingue rapidamente com a posse, ou seja em ambos os que se casam, ou n'este primeiro do que n'aquelle, o que acontece é principiar desde logo entre os dois uma vida de martyrio e de mentira que os dilacera, e os torna fatalmente odientos e odiosos um ao outro, muito embora o não confessem nem a si proprios, e vivam e morram comediando a felicidade em holocausto ao meio social em que vivem.

No segundo caso—no casamento de calculo—quando o convenio é mutuo, e mutuos o convencimento e o conhecimento do interesse que os uniu, tambem o casamento se póde exemplificar pela estima, consequente do habito e da convivencia, ou então pela mutua acceitação da liberdade pessoal. Mas se o calculo foi de um só, se houve um perverso e um ingenuo, um mau e

um simples, nada obstará a que semelhante casamento se converta n'um verdadeiro inferno intimo, muito embora salvaguardado por todas as apparencias d'uma existencia regular e socegada.

—«Mas ahi está V. exemplificando, com as suas theorias, dois ou trez casos de possivel união duradoira...

—União, não—reunião, sim, e essa mesmo pela estima, considerada como um sentimento egoista e por tanto imperfeito.

—«A estima, um sentimento egoista e imperfeito?!...

—Positiva e incontestavelmente.—Egoista e imperfeito todo o sentimento que se baseie na preferencia, pois porque não? Quem dá mais a um, tira aos outros. Sentimento nobre, desinteressado e perfeito, só o verdadeiro Amor—o sentimento divino de bem querer e de bem fazer, *igualmente*, a todos e a tudo.

Do meu amigo D.r Jayme de Magalhães Lima—sua critica ás *Doutrinas do Conde Leão Tolstoï:*

....

«Com effeito, um dos caracteres do nosso tempo é a distancia cada vez mais longa interposta entre o homem e a natureza; essa vida primitiva, em que o homem tirava da terra o pão de cada dia á custa do proprio esforço, é cada dia menos frequente. Milhares

e milhares de pessoas nunca pisam senão a terra coberta de pedra ou de madeira, nunca semearam um só grão de trigo; a riqueza accumulada, as sobras das gerações que nos precederam, juntas á economia do trabalho que o nosso engenho fez por meio das machinas, estas e outras causas secundarias permittiram a muitos que do nascimento á morte existam sem propriamente trabalharem, considerando como o trabalho por excellencia a creação do pão.

« D'essa riqueza, que permitte a ociosidade, vem a dissipação da actividade humana; dissipa-se o sentimento no amor d'um gato, d'um cão ou d'um papagaio, dissipa-se mesmo n'um exaggerado culto dos mortos ou n'uma dedicação imbecil e egoista dos vivos, dissipa-se a intelligencia empregando-a nos mais futeis estudos, e dissipa-se a força physica em inauditos esforços de toda a especie, na devassidão e em peloticas a que se chama *sport*.

« A habitação moderna é d'um extremo ao outro uma revelação de ociosidade na inadaptação dos moveis a qualquer fim que não seja o prazer; os instrumentos de trabalho degeneram em objecto de adorno, a idéa de trabalho substitue-se pela idéa de gozo. Consomem-se existencias inteiras a descobrir combinações de alimentos que não deixem cessar o appetite; e este, que deveria vir da necessidade de reparar as perdas organicas produzidas pelo trabalho, que deveria ser um indicio natural para a conservação da existencia, procura reduzir-se a um instrumento de prazer.

« Mas a natureza não perdôa uma existencia tão in-

teiramente anormal; com esta depravação coincidem a tuberculose, a dyspepsia, a syphilis e as molestias que sem cessar lançam á sepultura a gente pervertida, não obstante os esforços estereis e as ephemeras esperanças dos que anceiam por dar-lhe remedio sem alterar o viver presente. Se o mundo podesse ser convertido em cidades, como as que vemos actualmente, a humanidade correria á sua propria aniquilação; mas foi a terra que nos creou, somos seus filhos, não perdôa aos que se apartam do seu seio e vão beber um outro leite envenenado e dôce. Estes succumbem victimas do seu crime; e por isso a civilisação moderna, tal qual está, encerra dentro de si a propria condemnação, que só poderão evitar os que se conservarem fieis ao amor da terra. A lei da selecção natural, formulada tão claramente por Carlos Darwin, mais uma vez ha de realisar-se para bem da humanidade, banindo da terra os depravados e entregando-a aos que nunca a esqueceram.

« Perguntam-me o que será então da civilisação e dos thesouros de saber que accumulou? Decerto não morrerão, estando tão largamente disseminados como estão; mas decerto tambem a fórma actual da civilisação é physiologicamente insustentavel e novas fórmas deverão surgir. Quaes? Quem sabe se estaremos destinados a um regresso a qualquer coisa de barberie!

« Seja, porém, qual fôr esse destino futuro e ignorado ainda, bem hajam os que como Millet e Tolstoï, com toda a luz brilhante do seu genio, sentiram a eterna epopêa do trabalho da terra e nos inspiraram

uma vida isenta de ambição e de odio, repousada, tranquilla e santa. E é sem duvida symptoma importante e grave que no fim d'este seculo, em meio de tamanho frenesi e escuridão, essa luz tenha podido brilhar. »

Phrase do dia: « Quem se sujeita a amar sujeita-se a padecer. »

9

Não! os filhos não são um beneficio nem uma benção do matrimonio, são antes o castigo e a amargura d'esse monstruoso enlace.

E, por que eu te digo isto, não bracejes para o ar fulminações sobre mim, estupido burguez! Esses teus gestos e protestos não farão mais do que despertar-me um nojo maior do que o que sinto já pela tua ignorancia, senão pela tua hypocrisia mentirosa e reles.

O filho principia por ser um pezo e um estorvo no matrimonio ainda antes de ter nascido. A mulher, na sua alta missão de fecundar, obedece a estorvos naturaes e irremediaveis que lhe difficultam, ou mesmo impossibilitam, a galanteria e a boa disposição sexual.

A amante tem de ceder o passo á mãe.

O homem, a quem a propria natureza separa do trabalho e da comprehensão exacta d'aquella missão, começa desde logo a encontrar difficuldades e impecilhos á saciedade dos seus desejos, e, muito embora

por um vicio de educação, finja e occulte o que sente, a verdade é que se contraria e aborrece com os estorvos que se lhe levantam na vida intima, sejam da alcova, da casa, ou da vida externa.

Depois que o filho nasce, essas contrariedades desenvolvem-se ao ponto de serem muitas vezes o primordial motivo de eternos desmandos e dissidencias escandalosas, ou trucidantes.

Claro que me refiro aqui aos paes que dormem no mesmo quarto e até no mesmo leito em que dorme a mulher que cria os filhos, porque esses são os que constituem a regra geral.

Os outros, os que teem amas, serviçaes e mestras que lhes criem, aturem e eduquem os filhos, esses são excepção que me não serve senão para confirmar a minha opinião de que os filhos se deveriam entregar desde pequenos ao meio social a que pertencessem, e que o pae nada mais deveria ter com elles sob o ponto de vista de immediata interferencia, ou immediato interesse.—Provam-n'o sobejamente esses casaes ricos, em que os filhos são para as mães um objecto de luxo que mandam limpar e lustrar pelos creados, e para os paes umas creaturas que mal conhecem em todo o seu longo periodo de educação menor.

As deducções que d'aqui se tiram são estas: que a felicidade material do matrimonio está na razão directa do desapego pelos filhos, e que, portanto, os filhos não são no matrimonio nem a benção, nem o beneficio que por Ahi se apregôa.

Nos matrimonios, subordinados á regra geral, os

filhos são a destruição radical dos sonhos de paz, de remanço, de tranquillidade concebidos.—O homem sente que é absorvido por elles n'aquella porção de cuidados que requerem, e, como o sentimento que o uniu á mulher foi e é um sentimento animal profundamente egoista, elle chega por vezes a odiar esse estorvo, esse impecilho que se levanta entre elle e ella, prohibindo-lhe a saciedade dos desejos, ou a satisfação dos intuitos.

Entre elles dois, intimamente, quantas vezes esse odio se não expande em controversias violentas, em queixumes desesperados? Ou seja a mulher porque se vê *amarrada* á criação emquanto o homem sáe e se distrae «sabe Deus por onde», ou seja o homem, que se vê contrariado em toda essa innumeravel série de pequenas coisas que constituem a ordem regular do egoismo matrimonial.

Cá fóra, em publico, estas coisas, repito, não se dizem, como tambem entre elles nenhum se atreve a declarar francamente o motivo dos seus desesperos. Hypocritamente, illudem-se, mentem-se, e antes affirmam alto e bom som que, «se não fosse aquelle anjo», fariam «coisas e loisas» equivalentes aos maiores destemperos, mas o que lhes vae lá dentro, principalmente no pae, é um desprezo terrivel por «esse anjo» que lhe veio transtornar todos os projectos, todos os sonhos, todos os encantos do *ménage* entrevisto e premeditado.

«Tivessem elles meios, sim!—fossem ricos—podessem fazel-o, e veriam como os filhos haviam de ser

creados por amas, e aturados e educados por mestras. Assim, que diabo de vida aquella! sem serem senhores de ir a parte nenhuma — a um passeio, a um theatro —de passarem uma noite fóra, de terem um momento só de liberdade... »

Viciosamente, por um esforço de educação social, e depois pela convivencia forçada e continua, o pae chega a ter pelo filho ou filhos um sentimento de estima predominante e violenta, mas nem por isso elle ou elles deixarão de continuar a ser um castigo do matrimonio, pois que na propria violencia d'esse amor vicioso e exclusivo encontrarão sempre, os paes, as amarguras dos sacrificios, das ingratidões e das desillusões.

De facto, qual o filho que realisa as egoistas aspirações paternas?...

Phrase do dia: «Questões de familia... »

10

Recapitúlo:

Não ha *amores*, ha Amor.

O Amor é o sentimento de bem querer e de bem fazer a todos e a tudo. — Sentimento genésico, intuitivo, latente, que se nos manifesta na commiseração que sentimos por todas as maguas, como na satisfação que nos inspiram todas as alegrias.

Se compararmos este sentimento unico, com esses outros que por ahi se nos impõem como legaes e vir-

tuosos, mas que não são mais do que a preferencia de um a todos, deduziremos tão extraordinaria distancia entre elles quanta aquella que phantasiamos haver entre o Bem e o Mal.

De facto, quanto mais violentos são estes *amores* viciosos e convencionaes, menos accessivel se torna o verdadeiro Amor.

Exemplifica-se isso bem facilmente: os maiores amigos da Humanidade teem sido aquelles que menos preferencias amorosas teem tido — Christo sobre todos.

Ora ninguem deixará de concordar — salvo parvoíce ou acinte manifesto — que teriamos attingido o fim, a perfectibilidade possivel, a união dos sêres, a approximação de Deus, no dia em que *amando-nos uns aos outros como a nós mesmos*, tivessemos cumprido o preceito — e que, portanto, todas as preferencias d'este por aquelle, quaesquer que ellas sejam, não fazem mais do que distanciar-nos e difficultar-nos o caminho do appetecido Bem.

Provado isto, acceito isto, está lavrada a condemnação da Familia, visto que ella é o ninho, o germen, a base de todos esses *amores* preferenciaes, que nos desviam e distanciam do verdadeiro Amor.

Como remediar, porém, esse mal, se é na Familia que se baseiam todas as constituições sociaes da Humanidade?

De uma unica maneira: ir acabando com a subdivisão em beneficio da união.

Como?

Facultando-lhe, aplanando-lhe as difficuldades ir-

remediaveis d'uma transição fundamental. Impondo pouco e permittindo mais.

Para isso haveria que attender desde já a medidas energicas e imprescindiveis, a mais importante das quaes seria a adopção das creanças pelo Estado.

A Miseria se encarregaria de fornecer *reconhecida* o primeiro contingente — os primeiros apostolos do Futuro.

Augmento de depravação e de desmoralisação?

Não ha tal.

A Familia não é, positivamente, um freio a essa parelha de monstros — antes pelo contrario é ella que a desenfreia, pelo desequilibrio social que provoca, pelos egoismos que desperta, pelo erro desnatural e deshumano em que se funda.

Os que viessem vindo, odiariam menos e amariam melhor; não trariam por certo dentro de si a raiva tradicional, hereditaria dos opprimidos, crystallisada na fóme e na injusta desegualdade patente.

Inexequivel a minha pretenção?

Sim; póde ser que o seja *hoje*, mas tenho por certo que *ámanhã* o não será.

Prometheu, desesperado, solta gritos de lancinantes afflicções, de tormentos seculares, de assombrosos soffrimentos accumulados, e esses gritos ouvimol-os nós todos de extremo a extremo do Universo.

Deus manda a Razão tocar a rebate na Consciencia do Homem...

Logar a Prometheu liberto!

Logar á Razão triumphante!

Por ultimo:

De Guerra Junqueiro, n'*A Voz Publica* d'hoje:

«A Natureza é a mentira evolucionando para a Verdade, o Mal evolucionando para o Bem.

«Quem marcha para a verdade realisa o fim ultimo da Vida: caminha para Deus.

. . . .

«Contra a Verdade não ha razões de Estado, nem razões sociaes, pois que, a unica razão da Vida é a Verdade em si.

«Dizer que deve esconder-se uma verdade quando, proclamando-a, resulta a guerra, equivale a dizer que a Verdade é um flagello e que Deus é o Mal.

. . . .

«O fim da Natureza é chegar a Deus, absorvendo-se n'elle. Como? Pelo Amor e pela Dôr.»

ERRATAS

—

Deixamos á lucidez do leitor a rectificação dos erros que porventura tenham passado sem reparo.

